

Ministério

MAR-ABR · 2022

Uma revista para pastores e líderes de igreja



Exemplar avulso: R\$ 18,15

00560

ISSN 2236-7071

9 17722364707107

LIDERANÇA PASTORAL

Reflexões teológicas sobre o ministério adventista



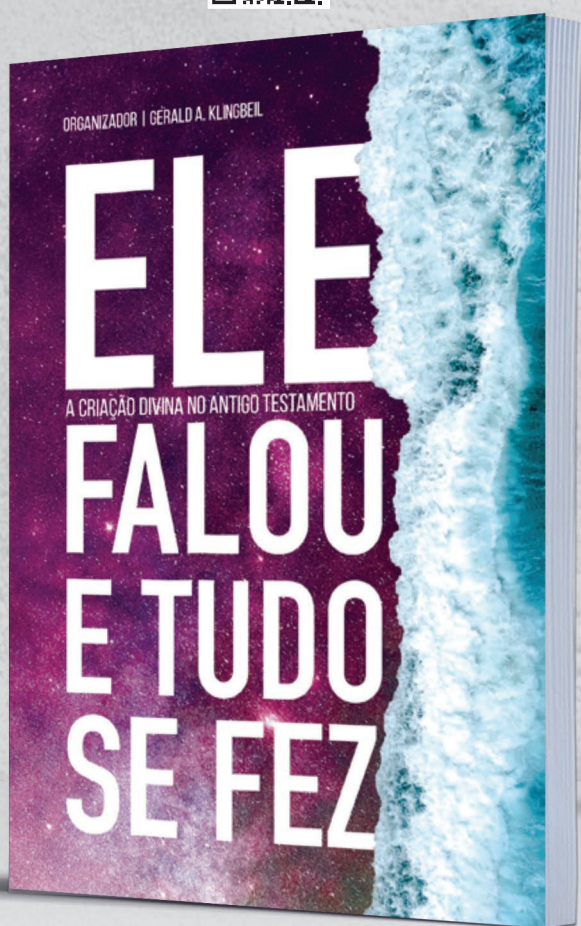
O método mais efetivo para a evangelização + A integração da Escola Sabatina e dos Pequenos Grupos

O lugar das mulheres na igreja apostólica + Carta a um pastor em crise + Apocalipse 13 e a cura da ferida mortal

“No princípio, Deus criou os céus e a Terra.”

Gênesis 1:1

A Bíblia começa com uma declaração que forma a base de nossa fé. Ela nos revela que a vida passou a existir por meio da palavra do Criador. Aprenda mais sobre o princípio para entender melhor o hoje!



MKT CPB - Adobe Stock

cpb.com.br • 0800-9790606

CPB livraria • (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor (15) 3205-8910
atendimento@cpb.com.br



Baixe o Aplicativo CPB

/cpbeditora





18

10 Bom pastor
Walter Alaña
Reflexões sobre os fundamentos teológicos do ministério adventista

14 Presença marcante
Teresa Reeve
O lugar das mulheres na vida e no ensino da igreja apostólica

18 Parceria estratégica
Umberto Moura
A importância da integração do trabalho da Escola Sabatina e dos Pequenos Grupos

21 O poder dos relacionamentos
S. Joseph Kidder
O método mais efetivo para a evangelização

24 Coração rasgado
Fernando Beier
Carta de um pastor a um colega em crise

28 Processo em andamento
Ruben Aguilar
A besta de Apocalipse 13 e a cura da ferida mortal



14

- 5 Editorial
- 7 Entrelinhas
- 8 Entrevista
- 26 Ponto a ponto
- 32 Dicas de leitura
- 35 Palavra final



28

Ministério

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 94 – Número 560 – Mar/Abr 2022
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Wellington Barbosa
Editor Associado Nerivan Silva
Revisoras Josiéli Nóbrega; Rose Santos

Projeto Gráfico Levi Gruber
Imagem de Capa MrArtHit / Adobe Stock

Ministério na Internet
www.revistaministerio.com.br
www.facebook.com/revistaministerio
Twitter: @MinisterioBRA
Redação: ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial

Lucas Alves; Josué Espinoza; Adolfo Suarez; Marcos Blanco; Walter Steger; Pavel Goia; Jeffrey Brown; Abdoval Cavalcanti; Abimael Obando; Adrián Bentacor; Alberto Peña; Álvaro Cáceres; Antonio Funes; Carlos Sánchez; Davi França; Edilson Valiante; Edmundo Cevallos; Elieser Ramos; ; Everon Donato; Geraldo M. Tostes; Levino Oliveira; Ralides Nascimento; Rubén Montero

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Diretor-Geral Edson Erthal de Medeiros
Diretor Financeiro Uilson Garcia
Redator-Chefe Marcos De Benedicto
Chefe de Arte Marcelo de Souza

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 88,30
Exemplar Avulso: R\$ 18,15



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, *sem prévia autorização por escrito* da editora.

Contribua para a **Ministério**

A revista *Ministério* é um periódico internacional editado e publicado bimestralmente pela Casa Publicadora Brasileira, sob supervisão da Associação Ministerial da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A publicação é dirigida a pastores e líderes cristãos.



Orientações aos escritores

Procuramos contribuições que representem a diversidade ministerial da América do Sul. Diante da variedade de nosso público, utilize palavras, ilustrações e conceitos que possam ser compreendidos de maneira ampla.

A *Ministério* é uma revista *peer-review*. Isso significa que os manuscritos, além de serem avaliados pelos editores, poderão ser encaminhados a outros especialistas sobre o tema que seu artigo aborda.



Áreas de interesse

- Crescimento espiritual do ministro.
- Necessidades pessoais do ministro.
- Ministério em equipe (pastor-esposa) e relacionamentos.
- Necessidades da família pastoral.
- Habilidades e necessidades pastorais, como administração do tempo, pregação, evangelismo, crescimento de igreja, treinamento de voluntários, aconselhamento, resolução de conflitos,

- educação contínua, administração da igreja, cuidado dos membros e assuntos relacionados.
- Estudos teológicos que exploram temas sob uma perspectiva bíblica, histórica ou sistemática.
- Liturgia e temas relacionados, como música, liderança do culto e planejamento.
- Assuntos atuais relevantes para a igreja.



Tamanho

- Seções de uma página: até 4 mil caracteres com espaço.
- Artigos de duas páginas: até 7,5 mil caracteres com espaço.

- Artigos de três páginas: até 11,5 mil caracteres com espaço.
- Artigos solicitados pela revista poderão ter mais páginas, de acordo com a orientação dos editores.

Estilo e apresentação

- Certifique-se de que seu artigo se concentra no assunto. Escreva de maneira que o texto possa ser facilmente lido e entendido, à medida que avança para a conclusão.
- Identifique a versão da Bíblia que você usa e inclua essa informação no texto. De forma geral, recomendamos a versão Nova Almeida Atualizada.
- Ao fazer citações bibliográficas, insira notas de fim de texto (não notas de rodapé) com referência completa. Use algarismos arábicos (1, 2, 3).

- Utilize a fonte Arial, tamanho 12, espaço 1,5, justificado.
- Informe no cabeçalho: Área do conhecimento teológico (Teologia, Ética, Exegese, etc.), título do artigo, nome completo, graduação e atividade atual.
- Envie seu texto para: ministerio@cpb.com.br. Não se esqueça de mandar uma foto de perfil em alta resolução para identificação na matéria.



DEFINIÇÕES

Como você define seu papel como líder? É interessante observar a variedade de conceitos elaborados ao longo do tempo para responder a essa pergunta. Alguns deles se tornaram bastante conhecidos no contexto cristão. Pense por exemplo, na definição objetiva de Ken Blanchard e Phil Hodges, popularizada por John Maxwell: "Liderar é influenciar". Lembre-se também da formulação de Christian Schwarz: "Liderança nada mais é do que relacionamento – o relacionamento entre o líder e as pessoas que são influenciadas por ele." Ou ainda, reflita sobre a maneira como Stephen Covey conceitua liderança: "Liderar é comunicar às pessoas seu valor e seu potencial de forma tão clara que elas acabem por vê-los em si mesmas."

Certamente, essas e outras definições contribuem para que tenhamos ampla visão sobre a responsabilidade que temos como líderes cristãos. Há muito tempo tenho pensado sobre como posso conceituar liderança e vivê-la em minha realidade ministerial, e cheguei à seguinte definição: "O líder cristão é a pessoa que, capacitada pelo Espírito Santo, consegue se conectar ao coração das pessoas, servindo-as e levando-as a desenvolver os dons e talentos que receberam de Deus, e empregá-los no cumprimento da missão designada por Ele." Para além desse conceito, desejo levar você a pensar nos quatro princípios que o fundamentam e fazem muito sentido para mim.

1) *A base de nossa liderança é espiritual.* Embora conhecimento e técnica sejam importantes, jamais deveríamos nos esquecer de que a base de nossa liderança é espiritual e está intimamente ligada ao chamado que recebemos do Senhor e ao dom concedido por Ele por intermédio do Espírito Santo. Corremos o risco de, com o passar dos anos, achar que a experiência adquirida é suficiente para conduzir a igreja e alcançar os objetivos que traçamos para ela. Dessa maneira, assimilamos uma liderança carnal, adotamos parâmetros humanos de crescimento e limitamos o agir de Cristo em Seu corpo visível na Terra. Sempre é oportuno recordar que não somos executivos que visam à expansão de suas operações na Terra, mas pastores de um rebanho que deve se multiplicar para povoar o Céu.

Não somos executivos que visam à expansão de suas operações na Terra, mas pastores de um rebanho que deve se multiplicar para povoar o Céu.

2) *A essência de nossa liderança é relacional.* Atualmente a palavra "tóxico" tem sido utilizada com frequência para descrever a relação entre pessoas, inclusive no ambiente eclesial. Na contramão dessa experiência nociva, creio ser fundamental se conectar às pessoas pelo coração. Confiança, empatia, respeito, diálogo, transparência e disposição para servir são fatores fundamentais para que o líder se ligue ao liderado e, juntos, cresçam em santidade, efetividade e honra para a obra do Senhor.

3) *O modo de nossa liderança é intencional.* Tendo passado por dezenas de igrejas como membro e pastor, observei a dificuldade que muitas pessoas têm de serem intencionais em seus esforços. Como líderes, porém, não podemos permitir que isso ocorra conosco. O Senhor nos chamou para o ministério a fim de aperfeiçoar os "santos para o desempenho do Seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo" (Ef 4:12). Devemos, portanto, ser intencionais no desenvolvimento dos membros da igreja, de acordo com os dons e talentos que receberam, a fim de que saibam claramente o papel que lhes foi designado pelo Espírito e estejam aptos para ocupá-lo para a glória de Deus.

4) *O propósito de nossa liderança é missional.* Considerando o fato de que o Senhor conhece tudo a respeito de nossas motivações e nosso trabalho, responda: Qual é o real propósito de nossa liderança? Se não estivermos em sintonia com Deus, seremos tentados a trabalhar de tal maneira que usemos as pessoas e estruturas em favor da construção de nosso projeto pessoal de religião, em detrimento da expansão da igreja de Deus. Mantenhamos em vista o fato de que o reino é Dele, a missão é Dele e a glória deve ser dada a Ele. "O que passar disto vem do Maligno" (Mt 5:37).

E quanto a você? Qual é sua definição de liderança cristã? **M**



WELLINGTON BARBOSA
editor da revista
Ministério

ENSINOS PARA AS DIVERSAS SITUAÇÕES DA VIDA CRISTÃ E COMUNITÁRIA

EDIÇÃO
ATUALIZADA

CAPA NOVA



MKT CPB - Adobe Stock

cpb.com.br • 0800-9790606

CPB livraria •  (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor  (15) 3205-8910
atendimentolivrarias@cpb.com.br



Baixe o
Aplicativo CPB  



    /cpbeditora

LIDERANÇA CONSAGRADA

Os líderes responsáveis pelo cuidado da igreja devem se esforçar para agir com espírito de bondade, tolerância e alto compromisso com os membros. Para tanto, devem buscar a semelhança com Cristo no caráter, a fim de que suas atitudes no trato pessoal revelem o Mestre. Amor e respeito pelos membros da igreja devem caracterizar o ministério pastoral. O tratamento cortês e a bondade devem ser praticados por aqueles a quem é dada a responsabilidade de cuidar, guiar e fazer crescer a igreja nestes tempos difíceis.

As Escrituras ensinam que aqueles que pastoreiam a igreja devem cultivar um caráter cristão genuíno. Integridade e amor capacitarão os ministros a exercer influência positiva na congregação e os colocarão em sua devida posição como modelos espirituais (Tt 1:5-9). Além disso, o espírito de sacrifício, humildade, compaixão e confiabilidade fazem parte das qualidades exigidas pelo Bom Pastor que distinguem o alto padrão moral daqueles que aceitam a vocação ministerial (Jo 10:11-16).

Como líderes da igreja, os pastores devem ser pessoas de profunda espiritualidade e princípios sólidos. Seu relacionamento com Deus é o fundamento de seu ministério e serviço. Sua verdadeira efetividade não reside em suas capacidades pessoais, mas na dependência Daquele que tudo pode fazer. Nesse sentido, Ellen White declarou: “As maiores vitórias para a Causa não são obtidas por meio de argumentos, amplas instalações, abundância de influência e de recursos, mas são aquelas vitórias obtidas no lugar reservado com

A efetividade do ministério não reside nas capacidades pessoais, mas na dependência Daquele que tudo pode fazer.

Deus, quando a fé zelosa e angustiante lança mão do poderoso braço do poder” (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 4, p. 384 [443, 444]).

Apesar do correr do tempo e das grandes mudanças pelas quais as sociedades passaram, “os mesmos princípios de piedade e justiça que deviam orientar os líderes entre o povo de Deus nos dias de Moisés e de Davi” deveriam ser seguidos pelos líderes da igreja cristã (Ellen G. White, *Atos do Apóstolos*, p. 61 [95]). Assim, a aplicação atual desses princípios é necessária, lógica e natural no contexto da igreja como corpo espiritual de Cristo.

Buscar conhecer a Deus pessoalmente e viver de maneira amorosa deve ser nossa prioridade como pastores adventistas. Ellen White afirmou: “A eficiência e o poder que acompanham o ministério verdadeiramente convertido fariam os hipócritas de Sião tremer, e os pecadores temer. O padrão da verdade e da santidade está se arrastando no pó. Se aqueles que dão os solenes avisos de advertência para este tempo compreendessem sua responsabilidade para com Deus, veriam a necessidade de fervorosa oração (*Ministério Pastoral*, p. 14). Que nossa liderança vá além das habilidades e seja reconhecida por nossa consagração. **M**



JOSUÉ ESPINOZA

secretário ministerial
associado para a Igreja
Adventista na América do Sul

TEMPO DE COLHER



É impossível imaginar a Igreja Adventista dissociada das séries evangelísticas. A ligação é tão grande que, no início, mesmo antes da escolha de um nome para o movimento, seus pregadores itinerantes eram chamados de apóstolos ou evangelistas, em uma clara indicação de seu papel ativo na plantação de igrejas e formação de um núcleo bem doutrinado de líderes locais capazes de conduzir a congregação.

Manter a chama do evangelismo acesa e ampliar os esforços denominacionais nesse sentido é o desafio do pastor **Rafael Rossi**, novo líder do departamento para a América do Sul. Graduado em Teologia, pós-graduado em Aconselhamento, MBA em Comunicação Corporativa, mestre em Teologia e aluno do Doutorado em Ministério na Universidade Andrews, ele tem ampla experiência ministerial. Foi pastor distrital e evangelista de Associação, liderou o evangelismo na União Central Brasileira e, em 2012, foi chamado para servir na sede adventista sul-americana. Em nove anos foi secretário ministerial associado, diretor de Comunicação, Assuntos Públicos e Liberdade Religiosa e assistente da presidência. Desde novembro de 2021 é o responsável pelo departamento de evangelismo. Casado com a professora Ellen de Souza Rossi, é pai de duas filhas: Giovana e Mariana.

O evangelismo deve assumir seu papel de protagonista na agenda da igreja, e o trabalho do pastor é fundamental para que isso ocorra.

Algumas pessoas associam as campanhas evangelísticas com o aumento da apostasia. Como você avalia essa ligação?

Lidar com a apostasia certamente é uma grande preocupação para mim. Não são números, mas vidas que estão decidindo seu destino eterno. E isso é muito sério! A igreja, conforme o propósito de Jesus, cumpre um papel muito importante na manutenção da fé, no desenvolvimento dos dons espirituais e na organização dos esforços para a pregação do evangelho. Assim, quando alguém a abandona, coloca-se em uma situação muito propícia para o esfriamento da fé.

Entendo que não exista uma explicação exata que justifique a apostasia, como dizer que o evangelismo é um grande responsável por esse fenômeno. As experiências pessoais são diferentes. Há fatores que podemos analisar porque são perceptíveis e objetivos, enquanto outros não são. Por exemplo, quando são fatores externos não controláveis, podemos reforçar a identidade adventista. Quando são fatores externos parcialmente controláveis, podemos reforçar a identidade adventista e investir em ações estratégicas que esclareçam a postura da igreja. Por sua vez, quando são fatores gerados por contradição interna, é preciso analisar e corrigir a rota. Finalmente, quando são fatores motivados por alguma má compreensão da religião, devemos fazer uma reavaliação completa dos objetivos e propor uma nova abordagem e postura frente à situação.

Como aumentar o número de evangelistas na igreja local?

Não temos um departamento de evangelismo com um diretor na igreja local porque entendemos que essa é uma responsabilidade compartilhada por todos os ministérios. O pastor distrital é o evangelista de suas igrejas, portanto, deve organizar a estrutura congregacional e mobilizar os membros para que se envolvam nas ações missionárias. O objetivo é fazer de cada adventista um evangelista, de maneira que todos aproveitem as oportunidades que surgem no cotidiano para compartilhar a mensagem bíblica com as pessoas com quem se relacionam. Por isso precisamos multiplicar a quantidade de pessoas capacitadas e dispostas a dirigir campanhas de evangelismo, bem como o número de membros engajados no cumprimento da missão. Nesse sentido, uma das iniciativas são as escolas de evangelismo, que capacitam pastores e membros voluntários. Uma novidade neste ano é a realização da escola de evangelismo on-line, que disponibilizará vídeos curtos e práticos que ensinam o que pode ser feito para aumentar a efetividade da evangelização local.

Outra novidade é que 225 pastores recém-formados serão enviados a distritos pastorais para trabalhar diretamente com evangelismo. Eles receberão o suporte financeiro da Divisão Sul-Americana e atuarão sob a supervisão de pastores distritais, evangelistas de Campo e União. Com isso, a expectativa é incentivar o crescimento equilibrado da igreja, capacitar a liderança local para atender as expectativas de sua comunidade e contribuir para o aperfeiçoamento de futuros pastores adventistas.

Além dessas iniciativas, existe algo mais a ser feito para que o evangelismo alcance resultados expressivos e consistentes?

Sim! Tenho dado atenção especial para estabelecer um processo claro que fundamente as ações evangelísticas, principalmente as que estão relacionadas com as campanhas de evangelismo. A princípio, estou usando a estrutura de um funil com seis passos que começam com a letra C.

1) Coordenação: preparação da igreja em um programa de 12 semanas, ajustes estruturais, provimento de dados e a capacitação local.

2) Compaixão: assistência humanitária, escuta comunitária e ajuda solidária.

3) Conexão: estratégias de comunicação pessoal, divulgação da igreja por meio das redes sociais, fortalecimento

O objetivo é fazer de cada adventista um evangelista, de maneira que todos aproveitem as oportunidades que surgem no cotidiano para compartilhar a mensagem bíblica com as pessoas com quem se relacionam.

das transmissões on-line e engajamento pessoal dos membros no compartilhamento de conteúdos digitais da igreja.

4) Cultivo: ações estratégicas por meio das duplas missionárias, classes bíblicas, instrutores bíblicos, evangelismo da amizade e companheirismo cristão.


5) Colheita: evangelismo público, pessoal e digital e batismos. Essa é a fase da proclamação pública por meio da campanha evangelística.

6) Continuidade do programa do discipulado.

Você mencionou um programa de 12 semanas na igreja local. Do que se trata?

Uma série de colheita é dependente de outras abordagens missionárias. Não se planeja uma campanha de evangelismo sem considerar o que ocorre nos diferentes ministérios da igreja. Em realidade, ela é a coroação de ações que já estavam acontecendo muito tempo antes da colheita. É verdade que uma programação como essa ajuda a despertar novos interessados, mas o foco principal está nas decisões finais para um compromisso maior com Deus e Sua missão. Para facilitar o preparo da série, foi desenvolvido, testado e comprovado em nível local, um guia de atividades prévias sistemáticas chamado “12 Semanas para Impactar sua Igreja”. Assim, espera-se ter uma igreja mais engajada que, como resultado, alcance mais batismos de pessoas mais preparadas.

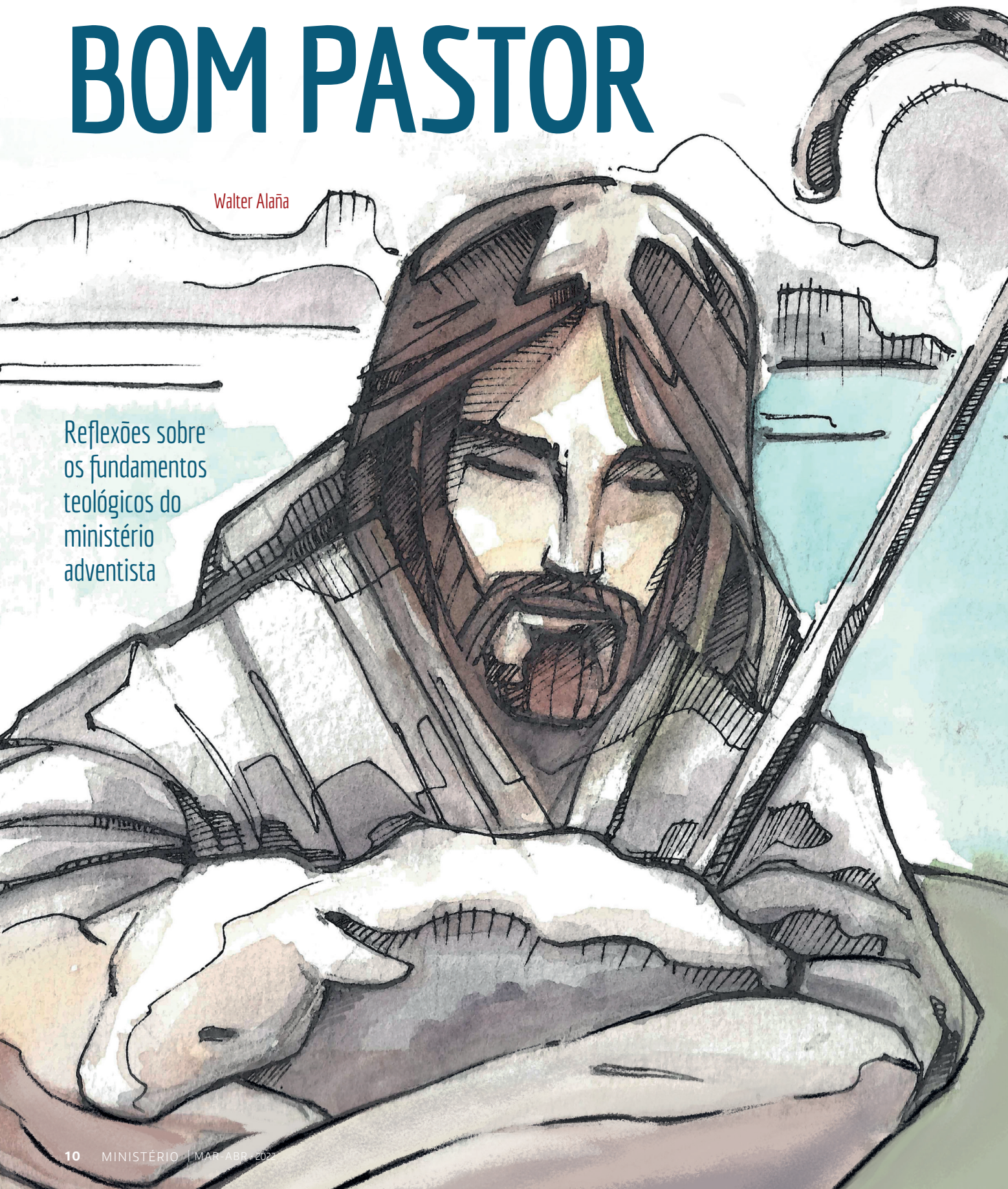
Que mensagem gostaria de deixar aos colegas de ministério?


Não tenho dúvidas de que estamos vivendo nos momentos finais da história. Aquilo que temos pregado está sendo confirmado pela situação do mundo. Não há tempo a perder! Meu maior sonho é ver a igreja engajada na missão, para que Jesus volte o mais breve possível. O evangelismo deve assumir seu papel de protagonista na agenda da igreja, e o trabalho do pastor é fundamental para que isso ocorra. 

BOM PASTOR

Walter Alaña

Reflexões sobre
os fundamentos
teológicos do
ministério
adventista





Estudos realizados com ministros de diferentes denominações mostram que os pastores devem atender a um número crescente de demandas. Por um lado, existem desafios internos relacionados com o contexto eclesial. Por outro lado, existem pressões externas que têm que ver com as múltiplas ameaças resultantes das várias ideologias que moldam a sociedade ocidental.

Essas pesquisas ainda apresentam um paradoxo surpreendente.¹ Elas reconhecem que os pastores estão convencidos do papel essencial que desempenham no avanço do reino de Deus. Contudo, em muitos aspectos, os ministros parecem assimilar os valores de uma sociedade em permanente processo de reconstrução e que está se afastando gradativamente de suas raízes cristãs. Isso resulta na perda de influência tanto das igrejas quanto do ministério pastoral.²

O quadro parece se tornar mais complexo à medida que se observa que muitos pastores não conhecem o fundamento bíblico do pastorado.³ Sem uma clara teologia do ministério que lhes dê compreensão acerca do que se espera deles, eles são expostos a copiar modelos ministeriais moldados por pressões culturais ou expectativas denominacionais.

Fundamentos da liderança pastoral

A maioria dos esforços para identificar um modelo bíblico de liderança pastoral destaca o modelo de liderança servil.⁴ Vários autores concluíram que a liderança praticada por Jesus é a maior contribuição que a Bíblia dá quanto a esse tema.⁵ Contudo, outros estudos⁶ sugerem que a linguagem metafórica do cuidado pastoral que se encontra nas Escrituras aponta para um modelo de liderança que atinge seu clímax na encarnação de Cristo, “o

bom Pastor” (Jo 10:14), e alcançará sua consumação final com o estabelecimento escatológico do reino de Deus (Mq 5:4).

Ao resumir os principais conceitos sobre liderança pastoral apresentados no Antigo Testamento, os seguintes ensinamentos se destacam: (1) Deus é o verdadeiro pastor de Seu povo (Gn 48:16; Sl 23:1; 80:1); (2) o Senhor cuida pastoralmente de Seu povo por meio de instrumentos humanos escolhidos por Ele;⁷ (3) as principais funções pastorais incluem proteção, alimentação adequada e manejo do rebanho; (4) Moisés e Davi são exemplos do tipo de liderança pastoral que Deus deseja para Seu povo (Sl 77:20; Is 63:11-14; Sl 78:70-72); (5) a infidelidade persistente dos pastores foi a principal causa do fracasso de Israel em cumprir sua missão; e (6) o Senhor promete enviar um pastor ideal, responsável por restaurar a liderança pastoral entre Seu povo (Jr 3:15; 23:1-6; Ez 34:1-31; Mq 5:1-9; Zc 11:4-13:9).

Beatrix Pias afirmou que, por causa da riqueza do cotidiano do pastor, esta “se tornou a principal metáfora para os líderes e até mesmo para Deus na Bíblia. Tanto os líderes de Israel quanto o próprio Deus são representados como os pastores de Seu rebanho/povo.”⁸ Ela ainda indicou que o uso da metáfora do pastor e de suas ovelhas no AT “introduz uma teoria completa de governo e poder. Mas o poder deve ser usado com espírito de serviço.”⁹

No Novo Testamento, o conceito de liderança pastoral atinge seu clímax com a encarnação do Filho de Deus. De acordo com os evangelhos sinópticos, Jesus é o pastor messiânico prometido pelos profetas do AT, que cuida de Seu rebanho de maneira integral e solícita. No evangelho de João, Cristo é apresentado como o bom Pastor que Se sacrifica por Suas ovelhas e está interessado em estender a mão àqueles que ainda não fazem parte de Seu rebanho (Jo 1:11-116). No fim desse evangelho, Jesus delega a função pastoral aos apóstolos, que assim se tornam representantes Dele (Jo 21:15-19).

Após a ascensão de Cristo, eles assumiram a responsabilidade de liderar a

igreja em formação. Seguindo o modelo do Mestre, ficaram cheios do Espírito Santo e conduziram os primeiros cristãos para que tivessem a mesma experiência (At 1:6-8). No período apostólico, tanto Pedro (At 1-6, 10-12) quanto Paulo (At 9:13-28) se destacaram como modelos de ministério pastoral. A importância que deram à prática da oração e pregação da Palavra é evidente e, como resultado desses esforços, a igreja cresceu exponencialmente (At 6:7; 9:31; 11:21; 16:5).

De maneira especial, o ministério apostólico de Paulo consolidou um paradigma ministerial voltado para o cumprimento da missão mundial. Os pioneiros do movimento adventista compreenderam isso e, em harmonia com os conselhos de Ellen White, desenvolveram um modelo pastoral seguindo o exemplo paulino.¹⁰ Essa visão clara do ministério contribuiu diretamente para que, em poucas décadas, o pequeno movimento adventista sabatista se tornasse uma igreja mundial.

Ministério pastoral adventista

Um exame cuidadoso dos escritos de Ellen White e dos pioneiros adventistas sugere que o ministério apostólico serviu como paradigma do ministério adventista em seus primórdios. Ao comentar 2 Coríntios 3 e relacionar diretamente o ministério pastoral com o apostolado paulino, Ellen White escreveu: “A conversão dos pecadores e sua santificação por meio da verdade é a mais forte prova, para um pastor, de que Deus o chamou para o ministério. A evidência de seu *apostolado* está escrita no coração desses conversos e é testemunhada por sua vida renovada. Cristo, a esperança da glória, é formado neles (Cl 1:27; Gl 4:19). Um pastor é grandemente fortalecido por esses sinais de seu ministério.”¹¹

Mais adiante, ela apresentou a experiência ministerial de Paulo como uma referência para o ministério pastoral adventista: “O que a igreja necessita nestes dias de perigo é de um grande número de obreiros que, assim como Paulo, tenham

O ministério pastoral enfrenta desafios sem precedentes. Nesse cenário, é fundamental desenvolver uma prática ministerial que esteja baseada em uma sólida teologia bíblica.

se preparado para ser úteis, que tenham uma profunda experiência nas coisas de Deus e que sejam cheios de fervor e zelo. Necessita-se de pessoas santificadas e abnegadas; pessoas que não se esquivem de provas e responsabilidades; que sejam corajosas e verdadeiras; pessoas em cujo coração Cristo seja constituído 'a esperança da glória' (Cl 1:27), e que com lábios tocados com fogo santo preguem a Palavra (2Tm 4:2). Por falta de obreiros como estes, a causa de Deus definha, e há erros fatais que, como veneno mortífero, pervertem a moral e destroem as esperanças de grande parte da raça humana.¹¹²

Esse paradigma ministerial apostólico encontrado nos escritos de Ellen White foi apoiado pela liderança eclesiástica de sua época. Arthur Daniells, então presidente da Associação Geral, foi um grande defensor desse modelo. Ele afirmou: "No registro do Novo Testamento, descobrimos que Jesus aboliu o sacerdócio. Com a morte Dele, pôs fim ao sacerdócio da antiga aliança, mas fez preparativos para isso antes de morrer, estabelecendo o ministério ao selecionar os apóstolos. Ele escolheu e ordenou os primeiros ministros da nova dispensação. [...] Daquela época até agora, homens foram escolhidos por Deus para suceder aos apóstolos a fim de representar Sua igreja e assumir a obra de proclamar o evangelho do reino de Deus neste mundo."¹¹³

Em um estudo sobre o desenvolvimento histórico da compreensão do ministério pastoral adventista entre 1844 e 1915, Wellington Barbosa resumiu a posição adventista prevalecente durante os anos em que o adventismo evoluiu de um pequeno movimento local para uma igreja mundial. Durante esse período, acreditava-se que "os ministros deveriam adotar um modelo apostólico de pastoreio, plantando igrejas, educando os membros em relação às questões espirituais, desenvolvendo planos missionários e mantendo uma linha de supervisão que atendesse às congregações. Quanto ao anciano, eles eram considerados como pastores locais, representantes da igreja e responsáveis pelo desempenho missionário da congregação."¹¹⁴

Assim, parece razoável concordar com Russell Burrill, quando ele afirma que "aparentemente, a organização da Igreja Adventista como um movimento leigo, sem pastores fixos, não foi um acidente ou um arranjo temporário devido ao tamanho da igreja, mas um esforço teológico deliberado para retornar à eclesiologia missional do Novo Testamento."¹¹⁵

Conclusão

Atualmente, o ministério pastoral enfrenta desafios sem precedentes. Nesse cenário, é fundamental desenvolver uma prática ministerial que esteja baseada em uma sólida teologia bíblica. As Escrituras apresentam Deus como o pastor divino que conduz Seu povo por intermédio de pastores humanos. Esse modelo atinge seu clímax com Jesus, o bom Pastor, e se encontra de maneira especial no ministério de Paulo.

Os pioneiros adventistas e Ellen White abraçaram e promoveram esse modelo de liderança pastoral. Eles consideraram isso um fator determinante para cumprir a missão mundial. Considerando o tempo profético em que vivemos, faríamos bem em fortalecer esse modelo bíblico de liderança pastoral voltada para a conclusão da obra. **IM**

Referências

- ¹ Instituto Barna, *The State of Pastors* (Califórnia: Barna Group, 2017), p. 115; Roger L. Dudley e Petr Cincala, *The Adventist Pastor: A World Survey* (Berrien Springs, MI: The Institute of Church Ministry, 2013), p. 26.
- ² Barna, p. 107. De acordo com esse estudo, um dos maiores desafios do ministério pastoral é o "perigo da irrelevância". Essa frase descreve um cenário em que a sociedade ocidental está cada vez mais indiferente às opiniões ou orientações dos pastores.
- ³ Andrew Purves, *Pastoral Theology in the Classical Tradition* (Louisville, KY: Westminster John Knox, 2001), p. 5; James F. Stitzinger, "Pastoral Ministry in History", em *Rediscovering Pastoral Ministry: Shaping Contemporary Ministry with Biblical Mandates*, John MacArthur, Richard L. Mayhue e Robert L. Thomas (orgs.) (Dallas, TX: Word, 1995), p. 36; James W. Thompson, *Pastoral Ministry According to Paul: A Biblical Vision* (Grand Rapids, MI: Baker, 2006), p. 7.
- ⁴ Walter Alaña, "Componentes Esenciales del Perfil del Pastor Adventista en el Contexto del Siglo XXI" (dissertação de mestrado, Universidade Peruana Unión, 2018). Disponível em <link.cpb.com.br/3872c5>.
- ⁵ Don N. Howell Jr., *Servant of the Servant: A Biblical Theology of Leadership* (Eugene, OR: Wipf & Stock Publishers, 2003); Skip Bell (org.), *Servants & Friends: A Biblical Theology of Leadership* (Berrien Spring, MI: Andrews University Press, 2014).
- ⁶ Timothy S. Laniak, *Shepherds After My Own Heart: Pastoral Traditions and Leadership in the Bible* (Downer Grove, IL: IVP, 2006); Timothy Z. Witmer, *The Shepherd Leader* (NJ: P&R, 2010).
- ⁷ Tremper Longman III, *Jeremiah, Lamentation, Understanding the Bible Commentary Series* (Grand Rapids, MI: BakerBooks, 2008), p. 306.
- ⁸ Beatrix Thomasia Pias Kahlas, *Jesus as the Good Shepherd in John's Gospel* (dissertação de mestrado, Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, 2015), p. 12.
- ⁹ Kahlas, p. 18.
- ¹⁰ Wellington Barbosa, *As Duas Faces do Ministério: O Papel do Pastor e do Ancião nos Escritos de Ellen White* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2020).
- ¹¹ Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 209 [328].
- ¹² White, p. 322, 323 [507].
- ¹³ Arthur G. Daniells, *The Church and Ministry* (Silver Spring, MA: General Conference Ministerial Association, s/d), p. 21.
- ¹⁴ Wellington Vedovello Barbosa, "O Papel do Ministro e do Ancião no Cumprimento da Missão Adventista: 1884-1915" (dissertação de mestrado, Unasp, 2015), resumo.
- ¹⁵ Russell C. Burrill, *Recovering an Adventist Approach to the Life & Mission of the Local Church* (Fallbrook, CA: Hart Books, 1998), p. 153.

WALTER ALAÑA

diretor da Faculdade de Teologia da Universidade Peruana Unión



Descubra como ter um relacionamento significativo com *Cristo*



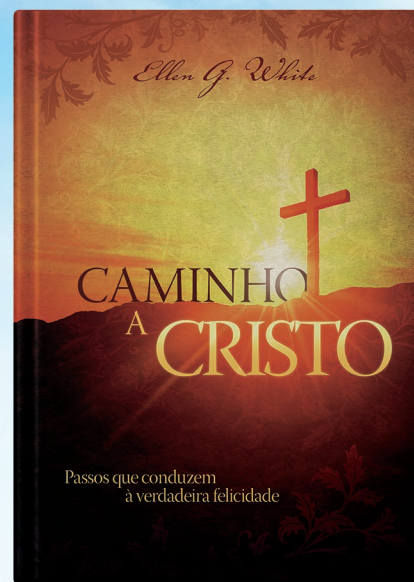
ENCADERNADO



BROCHURA



ILUSTRADO



O DESEJADO DE TODAS AS NAÇÕES

Surpreenda-se com a mais profunda e inspiradora biografia de Jesus Cristo. Tenha a certeza do amor de Deus por toda a humanidade e lembre-se de que mais importante que conhecer a história de Cristo é ter uma história com Ele.

CAMINHO A CRISTO

Aprenda mais sobre Jesus Cristo, que oferece a todos os que se entregam a Ele uma vida plena e eterna.

Leia estes clássicos da espiritualidade cristã!

cpb.com.br • 0800-9790606

CPB livraria • (15) 98100-5073

Pessoa jurídica/distribuidor (15) 3205-8910
atendimento@cpb.com.br



Baixe o Aplicativo CPB




/cpbeditora

PRESENÇA MARCANTE

O lugar das mulheres na vida
e no ensino da igreja apostólica

Teresa Reeve





Os evangelhos retratam um respeito pelas mulheres e nível de inclusão notável do ponto de vista do primeiro século, apesar de parecer muito moderado e limitado atualmente. Embora seja errado presumir que todas as mulheres fossem mantidas completamente fora de vista no judaísmo palestino do período intertestamentário, uma vez que encontramos evidências de alguma participação de mulheres na sinagoga e de heróis como Judite na literatura judaica da época, a convenção cultural ainda era forte em acreditar que as mulheres, por exemplo, fossem mais fracas no julgamento e pertenciam à esfera privada da casa.¹

Na narrativa dos evangelhos, a samaritana provavelmente tenha sido a primeira “evangelista” a falar sobre a vinda do Messias (Jo 4:28-30, 39), e Maria foi a primeira pessoa comissionada a contar as boas-novas da ressurreição (Jo 20:17; cf. Mt 28:10).² Lucas usou deliberadamente uma série de histórias em pares, uma apresentando um homem e, a outra, uma mulher, para mostrar o valor dado à fé e ao ministério das mulheres no plano de Deus. Isso é visto nas histórias de Zacarias e de Maria, que abrem o evangelho, e de Simeão e Ana, mas também é repetido em partes posteriores do livro.³

Lucas também observou que não foram apenas discípulos do sexo masculino que acompanharam Jesus e aprenderam com Ele durante Seu ministério, como teria sido normal para um rabino da época. Cristo também estava acompanhado de mulheres discípulas, o que teria sido considerado extraordinário e até vergonhoso (Lc 8:1-3; cf. 24:1, 6, 8).⁴ Ao serem curadas por Ele, cada uma dessas mulheres escolheu apoiar (*diakoneō*) o ministério de Cristo com seus próprios recursos, algo que lhes teria dado honra como benfeitoras, se não tivessem se desonrado ao se afastar dos papéis esperados para as mulheres, viajando com o grupo Dele.⁵

O fim dos evangelhos é particularmente notável em seu retrato das mulheres,

pois as apresenta no contexto da crucificação (Mt 27:55, 56), quando quase todos os discípulos haviam fugido (Mt 26:56; Mc 14:50-52; cf. Lc 22:54). Elas também visitaram o túmulo (Mc 16:1; cf. Jo 20:1), enquanto os apóstolos estavam escondidos em uma casa de portas trancadas (Jo 20:19).

Priscila e as mulheres em Atos

Nas várias menções a Priscila (Prisca), ela é apresentada com dons tradicionalmente femininos, como a hospitalidade (At 18:2, 3), mas também exercendo atividades públicas, como mestra (At 18:26) e colaboradora de Paulo (Rm 16:3), atuações que geralmente não eram esperadas de uma mulher naquele período. Priscila nunca é nomeada sozinha, mas sempre com seu marido, Áquila (At 18:2). É digno de nota que, embora o nome da esposa raramente fosse mencionado em relatos antigos, quando isso acontecia era colocado em segundo lugar. No caso de Priscila, porém, seu nome é frequentemente citado em primeiro lugar quando os dois são indicados. Ao apresentá-los, Lucas mencionou Áquila primeiro, como seria de se esperar, mas nas outras duas alusões, o nome de Priscila veio primeiro. Isso é particularmente interessante no último caso, porque a atividade em que estavam engajados era ensinar uma pessoa. O homem a quem Priscila e Áquila ensinaram não era um discípulo inexperiente, mas Apolo, o pregador brilhante e eloquente, “poderoso nas Escrituras”. Ele sabia muito sobre Cristo, mas precisava de um aprendizado adicional, do qual Priscila participou (At 18:24-28).

Considerando o tipo de autoridade envolvida nesse relato, é possível constatar que as Escrituras detinham a autoridade final, e que Priscila e Áquila atuaram em um papel consistente com o de humildes líderes servos. Alguns alegam que Priscila, ao fazer isso, estava sujeita a Áquila e sob a supervisão dele, mas o fato de que seu nome tenha sido mencionado primeiro questiona esse argumento.⁶ Ela é citada com Áquila em Romanos 16:3 como

uma *synergo*, ou colega de trabalho, termo usado por Paulo para referir-se a si mesmo (1Co 3:9) e a outros, incluindo Lucas (Fp 1:24) e Timóteo (1Ts 3:2).⁷ Nesse caso, não há qualquer necessidade de justificar o fato de que uma mulher estivesse atuando no papel de mestra. O ministério de Priscila é apenas um exemplo entre vários de mulheres mencionadas em Atos, incluindo o trabalho de Dorcas (10:36-39), a atividade das filhas de Filipe como profetisas (21:8, 9) e a iniciativa de Lídia que, com discrição, ofereceu hospitalidade a Paulo e seus colaboradores e agiu como sua benfeitora (16:13-16, 40).

Febe

Em Romanos 16:1 e 2, Paulo escreveu a respeito de Febe: “Recomendo-lhes a nossa irmã Febe, que está servindo [*diakonos*] na igreja de Cencreia, para que vocês a recebam no Senhor como convém aos santos e a ajudem em tudo o que de vocês vier a precisar; porque ela tem sido protetora [*prostatis*] de muitos, inclusive de mim.” É significativo que Paulo tenha usado a forma masculina *diakonos*, uma indicação de que ela não estava sendo mencionada apenas como uma mulher que serve, mas como alguém que ocupava um papel formal com um título padronizado. A opção mais provável no contexto cristão é que ela fosse uma diaconisa. Isso se encaixa com a declaração de que ela era um *diakonos* de uma igreja particular, e com a inclusão de qualificações para mulheres na lista de 1 Timóteo 3:11. Outra possibilidade é que ela estivesse atuando como agente nomeada da igreja em Cencreia.

O papel de liderança de Febe é fortemente atestado pelo termo que a identifica como uma *prostatis*. A palavra está relacionada ao dom espiritual de liderança (*proistēmi*), embora a forma substantiva não seja encontrada em nenhum outro lugar do NT. Em outros escritos gregos da época, é regularmente usada no mundo judaico e greco-romano para se referir a vários tipos de líderes oficiais.⁸ O uso feminino do



substantivo também pode ser encontrado em inscrições que elogiavam mulheres ricas que atuavam como patronas, fornecendo financiamento e, portanto, detendo alguma autoridade sobre um grupo. De acordo com o costume da época, uma patrona oferecia assistência financeira a um grupo e seus membros em troca de honra pública e autoridade dos clientes que ela atendia. Febe, no entanto, como alguém fiel a Cristo, agia da mesma forma que uma irmã.⁹

Júnia e outras mulheres

Além de Febe, oito mulheres foram mencionadas em Romanos 16, incluindo Priscila e Júnia que, como Febe e Priscila, parece ter desempenhado um papel de liderança.¹⁰ Dessa pessoa, Paulo escreveu: “Saudai a Andrônico e a Júnia, meus parentes e meus companheiros na prisão, os quais se distinguiram entre os apóstolos e que foram antes de mim em Cristo” (Rm 16:7, ARC). O desafio inicial que faz com que muitos duvidem da exatidão desse versículo é que muitas versões traduzem o nome como “Júnias” (masculino) em vez de “Júnia” (feminino). No entanto, não era assim que os antigos o entendiam. Apesar dos argumentos contrários, Júnia era um nome de mulher comum no 1º século,

aparecendo pelo menos 250 vezes em inscrições e outros escritos romanos durante esse período, enquanto Júnias (masculino) não aparece em nenhum lugar durante a mesma época.¹¹ Alguns têm usado outra abordagem, argumentando, com base na preposição grega *en*, que o verso deve ser traduzido “conhecidos *pelos* apóstolos” em vez de “conhecidos *entre* os apóstolos”. No entanto, a evidência não corrobora que *en* deva ser usado dessa forma. De fato, Linda Belleville descobriu um paralelo quase exato do mesmo período que só faz sentido se for traduzido como “entre”.¹²

Isso não significa reivindicar para Júnia um ministério semelhante ao dos Doze e de Paulo, mas dizer que ela, como outras pessoas que foram chamadas de apóstolo no NT, como Tiago (Gl 1:19) e Barnabé (At 15:2), atuou em uma posição de liderança como representante de Jesus Cristo. Em Filipenses 4:2 e 3, encontramos Evódia e Síntique sendo mencionadas como “cooperadoras” (*sunergos*) que lutaram ao lado de Paulo na causa do evangelho (Fp 4:2, 3), mesmo termo usado para se referir a líderes masculinos que o ajudaram. É possível encontrar indícios de liderança feminina na igreja cristã também em 2 João, onde a “senhora eleita” (v. 1) pode muito bem

ser a patrona e líder de uma igreja domiciliar na província da Ásia (atual oeste da Turquia).

Embora, quando consideradas separadamente, algumas dessas instâncias de liderança feminina não sejam totalmente certas, ao considerar todos os vários exemplos, um padrão definido emerge. É de se perguntar por que termos como apóstolo, cooperador, diácono e líder são tomados como linguagem de liderança quando se referem a homens, mas são automaticamente desconsiderados quando aplicados a mulheres.¹³

Mulheres nas igrejas domiciliares

Um caminho valioso para compreender a experiência das mulheres e seu lugar nas igrejas domiciliares do 1º século é explorar o que pode ser conhecido sobre o trabalho e a autoridade das mulheres dentro do lar.¹⁴ Embora o poder absoluto do *pater familias* (chefia masculina da família) ainda fosse um ideal romano, dentro de sua própria casa a mulher detinha uma quantidade considerável de autoridade e autonomia sobre coisas como provisionamento, cuidado e supervisão de todos, a compra de terras, o trabalho no campo e a venda de produtos, enquanto o marido ocupava-se com assuntos cívicos e públicos.¹⁵

Mesmo que as mulheres casadas estivessem oficialmente sob a supervisão do marido, muitos homens não se preocupavam com os assuntos domésticos. Mesmo que muitas viúvas dependessem da família, um número crescente delas, além de algumas mulheres solteiras, eram capazes de ser financeiramente independentes e governar plenamente seus próprios negócios. Uma reunião da igreja em uma casa como a da mãe de João Marcos (At 12:12), Ninfa (Cl 4:15) e Priscila, levou uma reunião pública da esfera masculina usualmente realizada fora de casa para um lugar em que as mulheres frequentemente exerciam autonomia e autoridade *de facto* e, por vezes, plenas. Essa realidade demanda considerações adicionais sobre suposições claras relacionadas à autoridade no Novo Testamento.

Conclusão

Perto do fim de Seu ministério, Jesus falou muito sobre Sua segunda vinda e repetidamente apelou a Seus discípulos que estivessem prontos para quando Ele viesse. Ao terminar de contar a parábola das dez virgens, Ele advertiu que é preciso vigiar, “porque vocês não sabem o dia nem a hora” (Mt 25:13). Com base nessa advertência, Ele imediatamente passou para uma segunda parábola, afirmando: “Pois será como um homem que, ausentando-se do país, chamou os seus servos e lhes confiou os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro deu dois e a outro deu um, de acordo com a capacidade de cada um deles; e então partiu” (Mt 25:14, 15).

Como diz a conhecida parábola, os servos que usaram o que o mestre lhes tinha dado foram recompensados, enquanto o que ocultou seu talento foi punido. No contexto da iminente vinda de Jesus, ousaremos insistir que um talento ou dom dado por Deus não seja usado em todo o seu potencial para completar a obra de pregar o evangelho a todo o mundo? **IM**

Referências

¹ Filo, *On the Special Laws* 3:169-170; *Embassy to Gaius* 40:319; Flavio Josefo, *Antiquities of the Jews* 4:219. Ver Bernadette J. Brooten, *Women Leaders in the Ancient Synagogue* (Chico, CA: Scholars Press, 1982); Amy-Jill Levine, “Second Temple Judaism, Jesus and Women: Yeast of Eden”, *Biblical Interpretation* 2 (1994).

² Ellen White observou: “Foi Maria quem primeiro pregou o Jesus ressuscitado. [...] Se houvesse vinte mulheres onde agora há uma, que fizesse dessa sagrada missão seu trabalho precioso, veríamos muitos mais convertidos à verdade. A influência refinadora e suavizante das mulheres cristãs é necessária na grande obra de pregação da verdade” (*Review and Herald*, 2/1/1879).

³ Zacarias e Maria foram visitados por Gabriel, que disse a cada um para não temer e prometeu um filho a cada um. No entanto, as respostas diferem distintamente, pois enquanto Zacarias foi reprimido por sua falta de fé (Lc 1:18), a pergunta de Maria não recebeu repreensão, mas uma forte garantia (1:34-37). Também pode ser visto nos dois profetas, Simeão e Ana, que saudaram Jesus no templo (2:25-39). Além disso, o filho único da viúva de Naim foi ressuscitado dos mortos (7:11-17), bem como a filha única de Jairo (8:40-56). A parábola da ovelha perdida, que focaliza a atenção no pastor (15:3-7), é seguida pela parábola da mulher que perdeu a dracma em sua casa (15:8-10).

⁴ Charles H. Talbert, *Reading Luke* (Macon, GA: Smyth & Helwys, 2002), p. 93-105; Ben Witherington III, “On the Road with Mary Magdalene, Joanna, Susanna, and Other Disciples – Luke 8:1-3”, *Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft* 70, (1979).

⁵ Joel B. Green, *The Gospel of Luke* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1997), p. 317-321.

⁶ Não seria menos plausível sugerir que Áquila poderia ter fornecido o acompanhamento e a ajuda que permitiram a obra de Priscila na esfera pública em contato com os homens ser menos questionável.

⁷ Ben Witherington, *The Acts of the Apostles: A Socio-Rhetorical Commentary* (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998), p. 335-339, 567.

⁸ Darius Jankiewicz, “Phoebe: Was She an Early Church Leader?” *Ministry*, abril de 2013, p. 10-13. Elizabeth A. McCabe, “A Reevaluation of Phoebe in Romans 16:1-2 as a Diakonos and Prostatis: Exposing the Inaccuracies of English Translations”, em *Women in the Biblical World* (Lanham, MD: University Press of America, 2009).

⁹ Greg Perry, “Phoebe of Cenchreae and ‘Women’ of Ephesus: ‘Deacons’ in the Earliest Churches”, 36, n. 1 (2010): 15.

¹⁰ Ben Witherington, *Women in the Earliest Churches* (Nova York: Cambridge University Press, 1988), p. 116; Eldon Epp, *Junia: The First Woman Apostle* (Mineápolis, MN: Fortress, 2005); Nancy Whymester, “Junia the apostle”, *Ministry*, abril de 2013, p. 6-9.

¹¹ Epp, p. 26-28.

¹² A favor de “conhecidos pelos” estão Michael H. Burer e Daniel B. Wallace, “Was Junia Really an Apostle? A Re-examination of Rom 16.7”, *New Testament Studies* 47, 2001. Linda Belleville está entre aqueles que defendem a tradução “conhecidos entre”, e encontrou um paralelo quase exato dessa construção. Ver Linda L. Belleville, “Iouian... ‘epísēmoi’ en tois ápostolois: A Re-examination of Romans 16.7 in Light of Primary Source Materials”, *New Testament Studies* 51, 2005.

¹³ Carolyn Osiek e Margaret Y. MacDonald, *A Woman’s Place: House Churches in Earliest Christianity* (Mineápolis, MN: Fortress, 2006), p. 228.

¹⁴ Osiek e MacDonald, p. 144-163.

¹⁵ Por exemplo, Xenofonte escreveu sobre o marido e a esposa que mantinham uma parceria em casa, na qual o marido trazia os recursos e a esposa os administrava (*Oeconomicus* 3:14-16). Seu trabalho doméstico (como resultado do treinamento da esposa adolescente pelo marido mais velho) foi comparado ao de uma abelha rainha, de um comandante militar e de um vereador (7, 36-43; 9, 15).

Nota: O conteúdo completo deste artigo pode ser encontrado em <link.cpb.com.br/99648d>.

TERESA REEVE

professora de Novo Testamento no Seminário Teológico Adventista da Universidade Andrews



PARCERIA ESTRATÉGICA

A importância da integração do trabalho da Escola Sabatina e dos Pequenos Grupos

Umberto Moura





Ilustração: Kaléb de Carvalho

Antes de ter um nome ou uma organização formal, o movimento adventista já tinha uma escola: a Escola Sabatina.¹ Desde seus primórdios, os adventistas sabatistas se dedicaram ao estudo profundo da Bíblia. Como coração da igreja, a Escola Sabatina nasceu para levar o sangue, isto é, as doutrinas bíblicas, a todas as partes do organismo vivo e vibrante chamado Igreja Adventista do Sétimo Dia.

No contexto das limitações da pandemia da Covid-19, as congregações foram motivadas a buscar meios de superar esses desafios. Assim, aprenderam a fazer cultos fora do templo, realizar comissões e reuniões por videoconferência, ser igreja sem prédios e fazer evangelismo no ambiente virtual. Nunca se falou tanto em oração e reavivamento, nunca os membros fizeram tantas vigílias espontâneas nem se preocuparam tanto com o irmão, vizinho ou amigo como atualmente. Assim, a formação de grupos de relacionamento on-line permitiu que amigos e intercessores encontrassem nesses grupos espontâneos o carinho e a atenção que costumavam receber na igreja.

Isso, porém, foi contingencial. No processo gradativo de retorno à normalidade, algumas facilidades descobertas no período da pandemia permanecerão, mas, de modo geral, a dinâmica congregacional voltará a ser a mesma. Por um lado, isso é bom, pois resgatará o senso de comunidade presencial, tão importante para a saúde espiritual e emocional dos membros. Por outro, isso traz preocupações, porque algumas coisas não estavam bem antes da pandemia como, por exemplo, a presença na Escola Sabatina e a formação de pequenos grupos. O propósito deste texto é refletir brevemente a respeito dessas estruturas e sobre como a integração entre elas pode potencializar o cumprimento da missão da igreja.

Propósito da Escola Sabatina

Os grupos pequenos informais que se reuniam nos lares foram a marca do adventismo em seu início. Esse modelo de organização ainda é praticado em diferentes atividades congregacionais, incluindo a Escola Sabatina. De acordo com o *Manual da Igreja*, “a Escola Sabatina, o principal programa educacional da igreja, tem quatro objetivos: estudo da Bíblia, confraternização, testemunho e ênfase na missão mundial”.² Infelizmente, esses quatro pilares têm alcançado desempenho abaixo do esperado. O cartão de registro da Escola Sabatina é um primor de organização, mas o relatório gerado a partir dele é motivo de preocupação.

Essa constatação não é inédita. Em 1891, Ellen White escreveu: “Nossas Escolas Sabatinas não são o que o Senhor deseja que sejam, pois ainda se confia demais nas formas e no equipamento, enquanto o vivificante poder de Deus não se manifesta na conversão de pessoas por quem Cristo morreu. Esse estado de coisas deve ser modificado, para que nossas Escolas Sabatinas cumpram o propósito pelo qual existem.”³

Por que nossas Escolas Sabatinas “não são o que o Senhor deseja”? Talvez seja porque elas não estejam cumprindo seu papel missionário. De forma geral, as classes não funcionam como unidades evangelizadoras ou como “grupos para o serviço” nem se reúnem além de seu programa de 80 minutos para tratar de uma pauta evangelística, beneficente ou social fora da igreja.

Se não houver um retorno intencional aos objetivos iniciais da Escola Sabatina, as classes continuarão como pequenos blocos de irmãos que se encontram eventualmente dentro da igreja em um programa sabático, de acordo com suas preferências. Podem até se reunir socialmente em outro local ou momento, mas com poucas chances de cumprir o propósito pelo qual existem.

Durante a pandemia, muitos membros sentiram falta das classes de Escola Sabatina. Com o retorno gradativo das atividades, nota-se que em muitos lugares o modelo de lição geral está prevalecendo. Contudo, esse não é o modelo ideal de funcionamento.⁴ Então, como reorganizar as classes de Escola Sabatina em unidades de ação, como recomendado? Como fazer para despertar o senso de missão e torná-lo maior que as conveniências pessoais? O momento é propício para reformar o funcionamento da Escola Sabatina, tornando-a um lugar de aprendizagem, interação, testemunho e missão.

Papel dos pequenos grupos

O fortalecimento da Escola Sabatina não deveria ofuscar o papel escatológico dos grupos pequenos. Apesar de possíveis erros terem ocorrido no passado recente quanto à sua implantação, desenvolvimento e manutenção, os pequenos grupos têm fundamentação bíblica, teológica e histórica.

Ellen White escreveu: “Haja em toda igreja grupos bem organizados de obreiros para trabalhar nas vizinhanças dessa igreja.”⁵ “Se há na igreja grande número de membros, convém que se organizem em pequenos grupos a fim de trabalhar não somente pelos membros da própria igreja, mas também pelos incrédulos.”⁶

“Formemos em nossas igrejas grupos para o serviço. Unam-se vários membros para trabalhar como pescadores de homens.”⁷

Geralmente, os pequenos grupos se reúnem uma vez por semana e são formados a partir de relações de afinidade entre seus membros. Outro ponto que se destaca é o fato de que seus participantes, na maioria das vezes, consideram a proximidade geográfica para o estabelecimento do pequeno grupo, algo que facilita na avaliação das possibilidades e dificuldades de sua realização. Organizados dessa maneira, os pequenos grupos têm “o propósito de evangelizar, fazer comunidade e discipular com o alvo de multiplicação”,⁸ funcionando “como um sistema vivo, a partir de uma célula com capacidade de autorreprodução e multiplicação”.⁹

Pelo fato de a Escola Sabatina, em seu modelo atual, não vivenciar “as características de comunidade” do Novo Testamento, e “estar impedida pela sua limitação de tempo de uma hora [e vinte minutos], pelo seu propósito restrito de estudo bíblico cognitivo e pelo local de reunião”,¹⁰ é preciso pensar na melhor maneira de integrar o que ocorre dentro da igreja àquilo que acontece fora.

Nesse sentido, se funcionarem de maneira ideal, os pequenos grupos estarão prontos para cumprir o papel extraclasse da Escola Sabatina. Além disso, Ellen White não viu a igreja no final dos tempos reunida em grandes congregações, mas em grupos pequenos.¹¹

Unidades geográficas

Frequentemente, as pessoas escolhem por afinidade sua classe de Escola Sabatina. Isso, porém, não tem sido o bastante para motivar e manter reuniões propositivas fora da igreja, num encontro semanal, à semelhança dos pequenos grupos.

Quando, porém, elas são convidadas ou orientadas a se reunir fora do ambiente da igreja, como em um pequeno grupo, alguns cuidados adicionais e específicos precisam ser implementados.

A transição das unidades de ação para pequenos grupos não é automática nem pode ser imediata, porque elas geralmente não estão prontas para essa mudança. O que fazer para que esse processo seja bem-sucedido e maximize os esforços missionários da igreja? A seguir sugiro seis passos.

1) *Revitalizar a Escola Sabatina.* É preciso elevar os índices de frequência e estudo diário, fortalecer a classe dos professores e oferecer métodos variados de estudo da Lição.

2) *Organizar os membros em unidades geográficas.* É preciso motivar os membros que morem próximos uns dos outros a se organizarem em grupos.

3) *Estruturar as unidades de ação a partir das unidades geográficas.* Esse passo é importante para que a transição de unidade de ação para pequeno grupo seja suave e efetiva, pois as pessoas têm dificuldade para frequentar reuniões regulares em locais distantes de sua casa.

4) *Motivar as classes a se reunirem fora da Escola Sabatina com propósitos missionários.* Organizadas por critério geográfico, as unidades de ação devem se reunir semanalmente em algum lugar, geralmente em uma casa, para atender os irmãos da igreja e cumprir os objetivos evangelísticos propostos para ela.

5) *Promover reuniões de reavivamento nos grupos pequenos.* As unidades de ação não devem iniciar as reuniões nas casas como uma classe bíblica ou reunião de estudo bíblico. A preocupação inicial deve ser com a maior necessidade da igreja, a busca pelo reavivamento;¹² pelo poder do Espírito Santo, conforme Cristo recomendou à igreja apostólica (At 1:8).

6) *Escolher bem o material de estudo.* O tipo de material utilizado nas reuniões é importantíssimo para ajudar as pessoas a aceitar o projeto e aderir a ele.

Mesmo que os membros estejam motivados com a proposta, esses preparativos recomendados precisam ser aplicados.¹³ Lembre-se de que uma planta, quando trocada de recipiente, sente a mudança, e isso também ocorre no processo de transição da

unidade de ação da igreja para as casas. O retorno pós-pandemia é uma excelente oportunidade para organizar a igreja em unidades geográficas, facilitando a formação elaborada e festiva das novas unidades de ação.

Esse é um passo importante para integrar os encontros da unidade de ação e do pequeno grupo, aproveitando as duas estruturas e fortalecendo seus propósitos espirituais e missionários. A unidade geográfica reunindo-se na nave da igreja, aos sábados, como unidade de ação e, nas casas, em outro dia da semana, como pequeno grupo, é um sonho da igreja. Não desista de torná-lo realidade! **IM**

Referências

- ¹ *Manual da Escola Sabatina* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1982), p. 11.
- ² *Manual da Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016), p. 99.
- ³ Ellen G. White, *Conselhos Sobre a Escola Sabatina* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 93 [156, 157].
- ⁴ *Manual da Igreja*, p. 99-102, 124.
- ⁵ Ellen G. White, *Serviço Cristão* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2015), p. 72.
- ⁶ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), v. 7, p. 21 [22].
- ⁷ White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 7, p. 21.
- ⁸ Umberto Moura, “Sucesso Garantido”, *Ministério*, maio/junho de 1999, p. 24.
- ⁹ Umberto Moura, *Pequenos Grupos: Uma Fundamentação Bíblica, Teológica e Histórica* (edição do autor, 2013), p. 20.
- ¹⁰ William A. Beckham, *A Segunda Reforma: A Igreja do Novo Testamento no Século XXI* (Curitiba, PR: Ministério Igreja em Células, 2007), p. 79.
- ¹¹ Ellen G. White, *Primeiros Escritos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007), p. 282; Ellen G. White, *Eventos Finais* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), p. 224.
- ¹² Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1966), v. 1, p. 121.
- ¹³ Moura, *Pequenos Grupos*, p. 133, 134.

Nota: O autor disponibiliza materiais de apoio no site www.pequenosgrupos.com.br

UMBERTO MOURA

pastor residente em
Engenheiro Coelho, SP





O PODER DOS RELACIONAMENTOS

O método mais efetivo para a evangelização

S. Joseph Kidder

Em meus seminários sobre crescimento de igreja e evangelismo, frequentemente começo com a pergunta: “Quem é o evangelista mais efetivo do mundo?” As respostas que recebo são as mesmas: Mark Finley, Alejandro Bullón, Dwight Nelson, entre outros. Em seguida, quando pergunto como as pessoas se unem a Cristo e à igreja, as respostas são totalmente diferentes.

Apresentando uma lista de métodos, peço que os participantes estimem o percentual de efetividade de cada um deles. Por exemplo:

- Necessidades especiais (como doença, divórcio, solidão ou desemprego).
- Visitas (pessoas que moram nas proximidades e visitam a igreja espontaneamente).
- Contato com o pastor.
- Visitação porta a porta.
- Escola Sabatina.
- Evangelismo público.
- Programas da igreja (como seminários

de saúde, escola cristã de férias, educação adventista e desbravadores).

A maioria das pessoas concorda que 90% das pessoas na igreja estão lá por causa de necessidades especiais. Outras insistem que a visitação traz 60% dos novos membros. Há aqueles que acreditam que o pastor pode ser o responsável por 40 a 60% dos batismos. Um grupo também acredita que o evangelismo público resulta entre 50 e 90% de todos os convertidos. Com essa variedade de respostas, quem, de fato, é o evangelista mais efetivo do mundo?

Como as pessoas se unem à igreja na América do Norte?

Cresceu em família adventista	59 %
Parentes ou amigos	58 %
Literatura	49 %
Evangelismo público	36 %
Estudos bíblicos em casa	34 %
Visitas pastorais	20 %
Programas de rádio e televisão	20 %
Estudos bíblicos por correspondência	19 %
Materiais disponíveis na internet	7 %
Outros*	22 %

* Principalmente a influência da educação adventista.

O que as pesquisas dizem

Em 2004, a sede da Igreja Adventista para a América do Norte enviou uma pesquisa para algumas congregações de seu território, com o objetivo de conhecer melhor as práticas devocionais e evangelísticas de seus membros. No total, 1.689 pessoas participaram. Uma das perguntas buscava compreender a força de nove fatores no processo de filiação dos membros à Igreja Adventista.

Desde aquela época, tenho repetido essa pesquisa com pequenos e grandes grupos enquanto conduzo meus seminários em todo o mundo. O resultado é sempre o mesmo. A maioria das pessoas conhece Jesus por intermédio de relacionamentos amistosos, como indica o quadro acima.

De volta aos meus seminários, eu apresento uma lista de vários métodos usados para levar as pessoas a Jesus, e o público oferece palpites totalmente diferentes sobre a efetividade de cada um. Então, quando lhes mostro os resultados desse estudo, os participantes ficam chocados. A maioria das pessoas questiona as descobertas. Eu ouço alguns protestando: "Isso não pode ser verdade! As necessidades especiais levam pessoas ao Senhor." Outros dizem: "Não! Evangelismo público é o

melhor método para que as pessoas aceitem Jesus." Também há aqueles que insistem na efetividade do trabalho do pastor ou dos programas da igreja.

Talvez a igreja desses participantes seja a exceção. Mas só para ter certeza, analiso cada item da lista, pedindo-lhes que se levantem ao ler a influência principal em sua conversão ao Senhor. Não importa se o grupo é pequeno, médio ou muito grande; se pertence a igrejas interioranas ou urbanas; sempre obtenho resultados semelhantes.

- Necessidades especiais: 2 a 5%
 - Visitas: 2 a 5%
 - Contato com o pastor: 2 a 5%
 - Visitação porta a porta: 2 a 5%
 - Escola Sabatina: 2 a 5%
 - Evangelismo público: 2 a 5%
- Então, eu adiciono:
- Familiares e amigos: 70 a 95%

Curiosamente, as pessoas começam a dizer: "É... minha mãe teve a maior influência em minha experiência religiosa"; "meu vizinho me levou à Escola Sabatina quando eu era uma garotinha"; "minha avó era adventista e orou por mim durante anos, até que tomei uma decisão"; ou "meu colega de trabalho foi o primeiro a me convidar para ir à igreja".

O percentual que obtenho daqueles que afirmam que se converteram pela influência de pais e mães, amigos ou parentes, vizinhos ou colegas de trabalho é geralmente entre 70 e 95%. Então, faço novamente a pergunta inicial: "Quem é o evangelista mais efetivo do mundo?" Agora, a resposta é unânime. É óbvio, tanto pela pesquisa formal quanto pelos dados informais coletados nesses grupos, que o evangelista mais efetivo do mundo é aquele que tem interesse pelas pessoas e compartilha o evangelho de maneira integral e atraente. Ao perguntar mais uma vez "quem é o evangelista mais efetivo do mundo?", a resposta que recebo das pessoas é: "Eu sou o evangelista mais efetivo do mundo!"

Os resultados entre os adventistas são consistentes com pesquisas evangélicas semelhantes. Win Arn e Thom Rainer concordam que a amizade é o meio preferido de Deus para alcançar as pessoas.* Em minha experiência como palestrante internacional, quer eu esteja na Ásia, África, Europa, Austrália ou no continente americano, os resultados são os mesmos. A maioria das pessoas conhece o Senhor por meio da influência de uma rede de relacionamentos e amizades.

Diante dessa realidade, como Deus atua? Uma vez que o sacerdócio foi estendido a todos os crentes, Ele capacita pessoas em diferentes ramos de atividade para que cumpram a missão. Assim, os ministros de Deus em tempo integral estão em toda parte: em salas de aula e clínicas, segurando martelos e estetoscópios, em salões de negócio e repartições públicas. Somos todos embaixadores do evangelho, ministros em exercício!

Portanto, em cada vila, cidade e país encontram-se ministros de tempo integral com feições e talentos diferentes, servindo das mais variadas formas. Usando a metáfora do sal, Deus salga a Terra com Seus ministros, fornecendo-lhes dons que os capacitam a influenciar seus amigos, familiares e colegas de trabalho.

Como fazer isso?

Os pastores têm a responsabilidade de motivar os membros a cumprir a missão. A seguir, compartilho uma estratégia composta de 10 passos que pode ser ensinada à igreja.

1. *Construa intencionalmente relacionamentos com cinco pessoas de fora da igreja todos os anos.* Elas devem estar dentro de seu círculo de contato regular, como um parente próximo, amigo, colega de trabalho ou vizinho.

2. *Ore por elas todos os dias, pedindo a Deus que intervenha e as conduza para Si.* Peça ao Senhor que o mantenha fiel em sua oração de intercessão e empenhado em alcançá-las com o evangelho.

3. *Ministre às necessidades físicas, espirituais e sociais delas.* Aproveite o tempo para ser um verdadeiro amigo. Faça-as se sentir amadas e especiais.

4. *Compartilhe seus valores com elas.* Ajude-as a ver que a fé cristã não é um conjunto de regras, mas um relacionamento pessoal com um Deus maravilhoso que permeia todos os aspectos da vida.

5. *No momento apropriado, dê seu testemunho.* Diga-lhes o quanto Jesus mudou sua vida e o quanto Ele significa para você. Talvez não haja evidência mais convincente do que essa!

6. *Apresente-lhes Jesus.* Conte às pessoas a história de Cristo e porque Ele é a esperança do mundo e o único caminho para Deus. Compartilhe o evangelho.

7. *Quando for oportuno, convide-as para ir a um culto, programação especial, reunião evangelística, pequeno grupo ou classe de Escola Sabatina.* Isso facilitará a inserção delas na vida da igreja e ajudará a conectá-las com outros cristãos.

8. *Estude a Bíblia com elas para que compreendam a fé cristã e o que significa ser um adventista do sétimo dia.*

9. *Discipule os novos membros da igreja.* Ajude-os a crescer na fé cristã. Torne-se seu pastor e encorajador.

10. *Ensine-os a alcançar outras pessoas.* A multiplicação é essencial na obra de Deus.

O poder dos relacionamentos

Judy e sua filha de cinco anos foram à nossa igreja como resultado de um convite para uma série evangelística que receberam de um de nossos membros. Embora tenha crescido em um lar cristão, ela deixou a igreja quando tinha 18 anos, ao se envolver com drogas, bebida e festas. Como fruto do relacionamento de uma noite, ficou grávida, e isso a despertou. A jovem começou a trabalhar para melhorar de vida, mas não teve muito sucesso. Por isso, muitas vezes voltou aos velhos vícios.

Quando Judy se mudou para o bairro onde fica a igreja, tornou-se vizinha de Donna, membro de nossa congregação. Donna dedicou-se a estabelecer uma boa amizade com Judy, muitas vezes saindo de seu caminho para atender às necessidades da jovem. Por exemplo, ela passava horas ouvindo Judy e fazendo tudo o que podia para ajudá-la a superar suas crises depressivas.

Nossa igreja tinha o hábito de realizar uma série evangelística a cada inverno. Naquela ocasião, Judy estava passando por um período muito difícil. Donna a convidou para assistir à conferência, e lá a jovem entendeu pela primeira vez quão especial ela era aos olhos de Deus. Judy experimentou a presença do Senhor e finalmente pediu Sua graça e Seu poder. Ela foi transformada. Depois de estudar a Bíblia, foi batizada. Várias vezes após seu batismo, Judy enfrentou desafios para se manter na fé, mas a amizade que ela desenvolveu com Donna e outros amigos da igreja a manteve firme e crescendo em Cristo.

A história de Judy ilustra o poder de combinar evangelismo pessoal com evangelismo público. Essa experiência demonstra a importância de estabelecer amizades e acompanhar as pessoas em suas lutas. Judy não teve uma experiência dramática na estrada de Damasco como Paulo, mas recebeu um convite para ouvir o evangelho, seguido por um processo completo de discipulado que atendeu às suas necessidades espirituais e emocionais.

Como pastor, sempre visito as pessoas que batizei no dia seguinte à cerimônia batismal, a fim de encorajá-las e reafirmar a visão de evangelismo e ministério para elas. Judy estava trabalhando como gerente em uma mercearia quando a visitei. Após uma conversa inicial, disse-lhe: "Judy, vamos orar e dedicar esta mercearia como seu campo missionário." Depois da oração, ao me despedir, notei que uma colega de trabalho de Judy parecia conhecê-la muito bem. Então perguntei a Judy sobre a mulher. "É minha amiga Mary-Lin", respondeu.

Então eu lhe disse: "Deus está comissionando você para que ministre ao coração de Mary-Lin, Judy. Ore por ela. Fortaleça sua amizade. Seja uma expressão do amor de Deus na vida dela." E foi exatamente isso que Judy fez. Ela a amou fraternalmente, orou por ela e estreitou a amizade.

A primeira coisa que Judy fez foi convidar Mary-Lin para jantar em sua casa, em uma sexta-feira à noite. A jovem recém-batizada estava em chamadas para Deus. Sua empolgação e mudança de vida levaram Mary-Lin ao Senhor. As duas mulheres começaram a estudar a Bíblia todas as sextas-feiras à noite. Cerca de dois meses depois, Mary-Lin estava no tanque batismal, dando um testemunho sincero sobre como sua amizade com Judy teve um impacto poderoso sobre ela e a levou a Cristo.

Pastor, cada membro de sua igreja pode fazer o mesmo. De fato, você ministra aos evangelistas mais efetivos do mundo! Há algum motivo para não ajudá-los a entender isso hoje? **IV**

Referência

* Win Arn e Charles Arn, *The Master's Plan for Making Disciples* (Grand Rapids, MI: Baker, 1998); Thom Rainer, *Surprising Insights from the Unchurched and Proven Ways to Reach Them* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2001).

S. JOSEPH KIDDER

professor no Seminário Teológico Adventista da Universidade Andrews, Estados Unidos



CORAÇÃO RASGADO

Carta de um pastor a um colega em crise

Querido pastor,

Tomo a liberdade de lhe escrever esta carta e quero que saiba desde já que sou pastor igual a você. Por trilhar a mesma estrada, sei dos dilemas que você enfrenta em sua jornada ministerial e desejo compartilhar algumas poucas considerações que julgo serem válidas.

Quando você lê notícias sobre os vários pastores que acabam doentes, depressivos e esgotados – sem contar aqueles que tentam o suicídio –, imagino que uma enorme tristeza invade seu coração. Apesar disso, você não fica completamente perplexo; pois, lá no fundo, sabe muito bem o terreno pedregoso no qual um pastor caminha. É bem provável que você tenha passado por situações semelhantes – sofrimento, angústia, dor, desgosto e lágrimas. Como se não bastasse, a pandemia que assolou o planeta agravou ainda mais os níveis, não mensurados, dos problemas emocionais e espirituais que você enfrenta.

Constantemente você se sente solitário, correto? Penso que essa solidão não é como a daquele indivíduo que se encontra sozinho no meio do deserto. O sentimento que você experimenta se assemelha mais ao do maratonista que corre sem parar, com dores no corpo, tendo muita gente ao seu redor e, ainda assim, sem que ninguém tenha condições de ajudá-lo. Você ajuda os outros e dá tudo de si. Mas quem faz algo por você?

Por vezes você espera das pessoas com quem trabalha alguma palavra de gratidão ou encorajamento. Contudo, por razões aparentemente inexplicáveis, elas quase nunca são ditas, principalmente quando você mais anseia por elas. Aliás, parece que nunca houve equilíbrio entre os desafios que você precisa superar e o estímulo que necessita receber. As cobranças chegam o tempo todo, como faturas pelo correio; já as palavras de incentivo são tão raras quanto borboletas no oceano.

Naturalmente, sua família acaba se tornando seu ponto de refúgio, certo? Contudo, por amor a ela, para que sua esposa e seus filhos não se machuquem, você muitas vezes esconde seus sentimentos, sorrindo quando a vontade é de chorar. Você evita contar para eles sobre o mal que alguém lhe

causou, procurando poupá-los, o que torna sua solidão ainda mais aguda e desesperadora. Quando ninguém está por perto, você chora e clama em angústia: “Ó Deus, por favor, me ajude!”

Às vezes você pensa em procurar um psicólogo, um terapeuta. No entanto, teme que alguém descubra sua fraqueza, ou que suspeitem que você não consegue lidar com seus problemas. Quando, em uma roda com colegas de ministério, alguém menciona que certo pastor acabou doente e se encontra em uma clínica de recuperação, você não diz nada; apenas olha para o horizonte, tremendo por dentro com a perspectiva de ser o próximo a sucumbir.

Então seus pensamentos se voltam para uma possibilidade antes inimaginável: abandonar o ministério. Tantos outros já foram embora, por que não você? Por mais infeliz que lhe pareça tal decisão, quando as crises se avolumam, quando os desafios lhe parecem além da solução, quando você se sente incapaz de alcançar o ideal, por que não desistir?

Bem, a essa altura, pode ser que eu tenha errado o alvo, e você não tenha se identificado com minha descrição. Se for esse o caso, significa que você está bem, e fico feliz por isso. Por outro lado, se o que escrevi expõe uma realidade que lembra a sua, então continuarei mais um pouco.

Luz no fim do túnel

Nós, pastores, o tempo todo apresentamos soluções para as pessoas. Soluções espirituais, emocionais, financeiras e até mesmo sentimentais. Mas qual a solução para as crises que enfrentamos sozinhos? Temo que eu possa decepcioná-lo, pois não estou lhe escrevendo para apresentar soluções, nenhuma sequer. Não ousa acreditar que tenha algo de diferente que possa apresentar aos meus irmãos de ministério, a ponto de servir de referência em alguma coisa.

Não tenho nenhuma solução, apenas gostaria de refletir sobre coisas que às vezes passam despercebidas em nossa trajetória. Pontos que podem fazer alguma diferença, mesmo quando parecem diluídos em meio às nossas constantes decepções e angústias.

Primeiro, quero lembrá-lo de que alguém ora por você. De fato, eu estou orando por você agora mesmo, ainda que não o conheça pessoalmente. Sei que você acredita que a oração pode transcender espaço e tempo, e que a bênção de Deus chega onde for rogada. Basta alguém se lembrar de nós. Eu oro agora *por* você, rogando a bênção de Deus *sobre* você. Por causa da realidade da oração, o seu nome sempre é apresentado nas cortes celestiais.

Quero também destacar que você faz parte do grupo mais privilegiado entre os filhos de Deus, aqueles que o próprio Criador do Universo escolheu para uma missão cujo peso é de glória. Até onde eu sei, o Senhor nunca separou alguém para uma tarefa de implicações cósmicas para depois abandoná-lo no caminho. Portanto, insisto: não é a mão de Deus que pesa sobre você; é você que está nas mãos de Deus. Quando a solidão insistir em arrancar de você mais algumas lágrimas, lembre-se de que você nunca está só. Nunca mesmo!

Lembrar que você é um “vaso escolhido” pelo próprio Criador será sempre um incentivo poderoso, como foi para um antigo pastor que você certamente admira: o apóstolo Paulo. Pense bem, ele teve todos os motivos do mundo para desistir. Abriu mão de uma posição social promissora, foi rejeitado por seus pares religiosos e perseguido ferozmente, perdeu o conforto material, a saúde se deteriorou, foi julgado em tribunais pagãos e aprisionado em masmorras insalubres. Como ele pôde prosseguir com tanta coisa puxando-o para baixo, para o fracasso? De fato, ele mesmo fez essa pergunta a Deus, e a resposta que recebeu você conhece: “A Minha graça é o que basta para você” (2Co 12:9). Para Paulo, foi o suficiente. Será suficiente também para nós? Dali em diante, quando tudo parecia piorar, Paulo tinha uma frase na ponta da língua: “Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro” (Fp 1:21).

Paulo também tinha em vista algo que nós às vezes nos esquecemos com facilidade: qual é o tamanho do nosso sofrimento, quando comparado àquele experimentado por Cristo em nosso lugar? Jesus afirmou que Seus discípulos fariam obras maiores que as Dele (Jo 14:12), mas que isso teria um custo: “Vocês serão presos e perseguidos” (Lc 21:12). O Mestre ensinou *como* devemos encarar nossos descompassos ao dizer “tenham coragem: Eu venci o mundo” (Jo 16:33). Ouvi uma frase há algum tempo que chamou minha atenção: “Sofredores podem ajudar melhor outros sofredores”. Paulo concordaria, pois afirmou que pela consolação que “nós mesmos recebemos de Deus”, podemos “consolar os que estiverem em qualquer espécie de tribulação” (2Co 1:4).

E o que dizer da igreja? Se a igreja, e o seu trabalho por ela, pode ser a origem de muitas das crises e decepções que

o fazem chorar, não é a defesa do Corpo de Cristo o motivo maior para lutar sem nunca se render? Não estamos lutando apenas “contra o sangue” que sobe à cabeça das pessoas, a ponto de sermos traídos ou maltratados. O problema é muito mais profundo, como você bem sabe. Nossa luta é “contra os principados e as potestades” (Ef 6:12). Ou seja, somos magoados e feridos por pessoas, mas elas não são os verdadeiros inimigos. Para as pessoas que nos machucam, façamos uso do perdão; contra os demônios que nos atormentam, façamos uso da oração.

Provavelmente, para entender o poder do perdão – e pregar sobre ele – você será levado por Deus ao desafio de perdoar, e talvez de um modo que prove sua fé. Cada vez que isso acontecer, você terá que confrontar seu maior inimigo: o próprio eu. Se o perdão acontecer, mesmo que custe as lágrimas mais dolorosas, como aconteceu com José diante de seus irmãos, o dia seguinte terá um colorido sem igual.

Ainda gostaria de lembrar mais um detalhe importante: para alcançar o ideal de Deus em um mundo contaminado pelo pecado, não haverá caminhos fáceis nem dias de completa calma. João Guimarães Rosa escreveu: “O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem”. Essa situação de constante luta, até onde consigo enxergar, é exatamente aquilo de que você precisa: oportunidade para ser moldado na bigorna de Deus, em que as arestas são trabalhadas e o caráter é refinado. Você será levado a reconhecer sua dependência Daquele que tudo pode, a ponto de afirmar: “Porque, quando sou fraco, então é que sou forte” (2Co 12:10).

Vou terminando minha carta, e talvez você esteja pensando que tudo que escrevi não é novidade alguma. Sim, é isso mesmo. Nada do que escrevi é novidade. Entretanto, acredito que, nos dias mais áridos e escuros de nossa jornada, precisamos de alguém para nos lembrar de algumas verdades eternas que ainda são bálsamo para a alma.

Foi o que tentei fazer. Espero sinceramente que faça alguma diferença em sua vida.

Com estima, seu irmão

Fernando Beier

pastor em Hortolândia, SP

LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Tem sido comum ouvir comentários de que o mundo não é mais o mesmo. Por exemplo, qualquer posicionamento é motivo para polêmicas e até processos judiciais. O jargão policial: “Você tem o direito de permanecer calado. Tudo o que disser poderá ser usado contra você no tribunal” nunca gerou tanto receio quanto agora. Aqueles que precisam se expressar em público por meio de textos, palestras, entrevistas ou sermões vivem sob a ameaça velada de que “não se pode falar mais nada”. Até que ponto isso limita o compromisso pastoral com a pregação da mensagem bíblica?

No território da Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia prevalece a garantia da liberdade de expressão. Assim, cada pessoa pode falar o que quiser. O entendimento jurídico é de que ela é um bem da personalidade de cada cidadão. Corresponde a garantias consideradas fundamentais: a livre manifestação do pensamento, livre expressão da atividade intelectual, artística, científica, bem como o acesso à informação. E esse direito é pleno em todo tempo, lugar e circunstância.

É preciso, porém, compreender a relação entre a liberdade de expressão e os direitos humanos a fim de evitar problemas,

como demandas judiciais nas áreas cível ou criminal. Levando isso em conta, quais são os direitos que merecem atenção quando alguém usa sua liberdade para se expressar?

1) *Vedação ao anonimato*, ou seja, quem se expressa precisa sempre se identificar, pois, se alguém se sentir ofendido poderá se defender do que foi falado.

2) *Direito de resposta*, pois quem é atacado tem o direito de se expressar contrariamente ao que foi levantado no exercício da liberdade de expressão de outra pessoa.

3) *Direito de indenização* por dano moral ou material à intimidade, à vida particular, à honra e à imagem das pessoas.

4) *Direito à proteção contra o discurso de ódio*, que pode ter origem em questões ligadas a raça, cor, etnia, religião, orientação sexual, deficiências ou classe social.

Dessa maneira, quem se expressa deve estar atento para evitar abusos no desfrute da plenitude de sua liberdade de expressão. Surge, então, a necessidade de estabelecer o caminho para que o pregador, escritor ou palestrante compartilhe sua produção intelectual sem correr riscos de violar os direitos de outras pessoas. Para isso, dois passos fundamentais devem ser tomados:

1) Não direcione seu discurso ou texto a uma pessoa específica. Além de limitar a qualidade do que está sendo apresentado, essa atitude pode levar a pessoa identificada a reivindicar seus direitos de resposta e indenização. Pode, ainda, ser interpretada como um ataque direto contra essa pessoa, e não contra uma postura, hábito ou orientação que está sendo analisado no discurso ou no texto. A liberdade de expressão existe para assegurar o compartilhamento de informações, cultura e opiniões, mas não para ataques individuais. Além disso, do ponto de vista cristão, ataques individuais são expressão de repulsa e não do acolhimento e amor ensinados por Cristo.

2) Tenha sempre um discurso ou texto fundamentado sobre fatos ou fontes que possam ser provados em caso de questionamento. Por exemplo, a Bíblia afirma que adultério é pecado. Apesar das diferentes interpretações que procuram minimizar isso, o posicionamento adventista segue a compreensão consolidada das Escrituras. Ocorre que o adultério, além de ser pecado, também foi considerado crime em alguns países. Com o passar do tempo, porém, o entendimento jurídico sobre o adultério mudou, deixando de tipificá-lo assim.



Como resultado, para muitos, não mais é razoável expressar-se claramente contra o adultério, sob pena de correr o risco de ser ofensivo.

Contudo, para os cristãos que têm nas Escrituras Sagradas sua referência teológico-doutrinária, o adultério continua sendo pecado, e sua prática, passível de reprovação em qualquer discurso ou texto. Portanto, qualquer pregador, escritor ou palestrante, usando como fundamento a Bíblia, pode se expressar contra o adultério, admoestando contra sua prática, sem nenhum motivo para temer, pois não há violação de outros direitos. É importante, porém, destacar que ninguém deve ser identificado como adúltero em discurso ou texto, sob pena de responder por violar os direitos acima mencionados.

Tomando esses cuidados, ninguém deve ter medo de exercer sua liberdade de expressão. E ela, no caso de sermões e textos com conteúdo religioso, conta com o fundamental direito à liberdade religiosa, também presente em todo o território da Divisão Sul-Americana.

Recentemente, a Suprema Corte do Brasil fez um pronunciamento muito interessante a esse respeito, em relação

ao posicionamento contrário à prática homossexual:

“A repressão penal à prática da homotransfobia não alcança, não restringe nem limita o exercício da liberdade religiosa, qualquer que seja a denominação confessional professada, a cujos fiéis e ministros (sacerdotes, pastores, rabinos, mulás ou clérigos muçulmanos e líderes ou celebrantes das religiões afro-brasileiras, entre outros) é assegurado o direito de pregar e de divulgar, livremente, pela palavra, pela imagem ou por qualquer outro meio, seu pensamento e de externar suas convicções de acordo com o que se contiver em seus livros e códigos sagrados, bem assim o de ensinar segundo sua orientação doutrinária e/ou teológica, podendo buscar e conquistar prosélitos e praticar os atos de culto e respectiva liturgia, independentemente do espaço, público ou particular, de sua atuação individual ou coletiva, desde que tais manifestações não configurem discurso de ódio, assim entendidas aquelas exteriorizações que incitem discriminação, hostilidade ou violência contra pessoas em razão de sua orientação sexual ou de sua identidade de gênero” (Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão 26/DF, p. 7, Supremo Tribunal Federal).

O entendimento da Suprema Corte brasileira ilustra o entendimento majoritário entre os países que compõem a Divisão Sul-Americana a respeito do tema. Assim, é importante destacar que ninguém deve abrir mão, especialmente quando se fala de sermões, do pleno exercício da liberdade de expressão por medo de consequências jurídicas, desde que sejam tomados os cuidados já recomendados.

Resumindo, a liberdade de expressão, na América do Sul, é tida como um direito primordial que se traduz na livre e plena manifestação do pensamento, da criação e da informação. Depois disso é que se destaca responsabilidades por eventual desrespeito a direitos alheios. Como países democráticos e civilizados, há o pleno regime da livre e plena circulação de ideias e opiniões, mas sem deixar de determinar direito de resposta e todo o sistema de responsabilidades civis, penais e administrativas. **TM**

LUIGI BRAGA

advogado geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia para a América do Sul





PROCESSO EM ANDAMENTO



A besta de Apocalipse 13 e a cura da ferida mortal

Ruben Aguilar

Os primeiros versos de Apocalipse 13 apresentam as figuras do dragão e da besta que emerge do mar. O texto indica que uma das cabeças da besta recebe um ferida mortal, mas logo é curada (Ap 13:3). Por muitos anos, as expressões “ferida” e “curada” foram interpretadas como um único fato histórico, uma vez que se encontram no singular. No entanto, ao identificar a natureza e

o caráter da besta, é possível concluir que não se trata de um único evento, mas de um processo que reúne várias evidências históricas.

Natureza e caráter da besta

Com o uso do substantivo natureza, desejo estabelecer a essência das figuras proféticas de Apocalipse 13 já mencionadas. Pela forma como são apresentadas no panorama

profético, elas representam, pela sua natureza, poderes mundiais. Quanto à palavra caráter, refiro-me à índole dessas figuras proféticas. Em harmonia com sua natureza, o caráter dessa sequência de poderes mundiais é de domínio político opressivo.

A natureza e o caráter da besta que surge do mar se destacam ao traçar um paralelo de suas características com aquelas apresentadas nas figuras proféticas encontradas em Daniel 7 e 8. Os paralelos são impressionantes.

1) Daniel 7 apresenta a sucessão de reinos mundiais por meio de quatro animais simbólicos, sendo que o quarto, descrito como “terrível” e “espantoso” (Dn 7:7), representa o império romano. Em Apocalipse 13 o dragão simboliza Satanás; mas, também o império romano, instrumento demoníaco que tentou destruir o Filho que a mulher tinha dado à luz (Ap 12:4).

2) Em Daniel 7:8, o poder romano é representado por um chifre (v. 23). Em Apocalipse 13:1 é representado pela besta que emerge do mar.

3) Em Daniel 8:8 e 9, após o domínio do bode peludo que representa a Grécia (v. 21), surge um chifre pequeno de um dos quatro ventos do céu que representa a sutil sucessão de domínio de Roma imperial para Roma papal (v. 23-25). Em Apocalipse 13:1 e 2, essa sucessão de domínio é representada pelas figuras do dragão e da besta.

4) Em Daniel 8:8 e 9, a figura do chifre pequeno representa Roma imperial, porque sucede o império grego, e Roma papal, pelas semelhanças com o chifre do quarto animal de Daniel 7:8. Em Apocalipse 13:2, embora a sucessão de Roma imperial para a papal esteja representada por figuras diferentes – dragão e besta –, o caráter de ambas é o mesmo; pois, a besta recebe do dragão “seu poder, o seu trono e grande autoridade”.

5) Em Daniel 7:1 a 7, a natureza dos poderes mundiais é representada pelas figuras do leão, urso, leopardo e do animal terrível e espantoso. Em Apocalipse 13:2, a besta que emerge do mar conjuga partes

desses animais, algo que a identifica como um poder mundial.

6) Em Daniel 7:8, uma das características do chifre pequeno, ou Roma papal, é a “boca que falava com arrogância”. Em Apocalipse 13:5, a mesma particularidade é atribuída à besta, a quem foi “dada uma boca que proferia arrogâncias e blasfêmias”.

7) Daniel 7:21 indica outra peculiaridade da figura que representa Roma papal, o fato de ela fazer “guerra contra os santos”. A besta mencionada em Apocalipse 13:7 também luta “contra os santos”.

8) Daniel 7:25 afirma que o chifre que representa Roma papal fala contra o Altíssimo. Em Apocalipse 13:6, a besta abre a “boca em blasfêmias contra Deus, para Lhe difamar o nome”.

9) Daniel 7:25 menciona o período de domínio opressivo do chifre pequeno, Roma papal, usando a expressão “um tempo, tempos e metade de um tempo”, que corresponde a três anos e meio, quarenta e dois meses ou 1.260 dias. Apocalipse 13:6 indica o período de supremacia da besta, quarenta e dois meses. Em linguagem profética, conforme a abordagem historicista de interpretação, esses períodos correspondem a 1.260 anos.

Os paralelos encontrados nos levam a considerar que a besta que emerge do mar representa, por sua natureza, um poder mundial e, por seu caráter, um poder de domínio político opressivo. Essas características são encontradas historicamente no Estado Papal.¹

Processo da ferida mortal

O papado adquiriu poder político a partir das concessões do imperador Constantino (312-336) e da oficialização do cristianismo como religião do império, feita pelo imperador Teodócio (380). A queda do império romano, em 476, demandou que o bispo de Roma exercesse maior poder político, o que se concretizou anos mais tarde, quando o general Belisário venceu os godos que cercavam Roma, e o imperador Justiniano concedeu autoridade civil ao bispo de Roma, em 538.²

O poder civil do papado se consolidou com a constituição do Estado Papal, por meio da “Doação de Pepino III”, em 754. Com base nessa organização, o papado atuou como um estado imperial em um vasto território que inicialmente incluía Ravena, Pentápolis e Romanha, e depois abrangeu Ancona, Bolonha e Perúgia, uma extensão de 44.000 km², governada com poder político opressivo, que durou até o fim do período profético de 1.260 anos, em 1798.

De acordo com a interpretação profética, a ferida mortal que uma das cabeças da besta sofreu (Ap 13:3) foi um golpe contra a estabilidade do Estado Papal. De fato, esse processo se iniciou com a prisão de Pio VI e a proclamação da primeira República Romana, em 1798. A morte do papa na prisão de Valência, no ano seguinte, provocou uma terrível humilhação ao papado, que experimentou uma sensação de aniquilamento.³ Mesmo assim, o extenso território que estava sob a administração papal continuou como base geográfica do Estado Papal.

Por vários séculos, a Itália esteve dividida em reinos ou estados independentes, entre os quais se encontrava o Estado Papal. No início do século 19, porém, surgiram movimentos favoráveis à unificação da Itália. Nesse processo se levantaram vários líderes, entre os quais se destacaram Giuseppe Mazzini, que atuou nos territórios do norte da Itália, e Giuseppe Garibaldi, que lutou nos territórios do sul. O primeiro fundou, em 1831, a “Sociedade da Itália Jovem”, e o segundo organizou o temível esquadrão dos “camisas vermelhas”.

Diante das ameaças desses movimentos, em 1848, o papa Pio IX elaborou a Constituição Política do Estado Papal, que garantia ao papa o governo desse território e o direito de nomear seu primeiro-ministro. Contudo, no ano seguinte, Mazzini e Garibaldi estabeleceram a República Romana, dando grande passo para a unificação. No mesmo ano, Vítor Emanuel II tomou posse do estado de Piemonte. O movimento avançou com a união dos estados de Toscana, Módena, Parma e

Romanha. Em 1860, Garibaldi conquistou Palermo e Nápoles e, no mesmo ano, começou a invadir os territórios papais, deixando para a igreja somente Roma e Lácio. Em 1861, Vítor Emanuel II foi proclamado rei da Itália, embora dois estados permanecessem separados: Roma e Veneza. Finalmente, em 1870, Roma foi anexada à República Italiana, decretando o fim do Estado Papal. O papa Pio IX se enclausurou no Vaticano e se considerou um prisioneiro político. Esse evento foi o ápice do processo da ferida mortal, em uma das cabeças da besta.

Processo de cura

Apocalipse 13:3 prevê a cura da ferida mortal e um movimento no qual toda a Terra se maravilha e segue a besta. Diversos intérpretes do Apocalipse consideram que essa “cura” ocorreu quando a França, liderada por Napoleão, permitiu a nomeação de Pio VII e a assinatura da “Concordata”, em 1801, que estabeleceu os limites do poder civil do papa. No entanto, o papado tomou várias decisões com a finalidade de garantir o restabelecimento da sua natureza, como poder mundial, e do seu caráter, como poder político opressivo.

Após assumir o pontificado, em 1846, Pio IX, diante dos movimentos de unificação da Itália, exaltou o título de “vigário de Cristo”, procurando restabelecer a hierarquia católica no mundo cristão. Em 1854, o dogma da imaculada concepção de Maria foi proclamado, declarando que a mãe de Jesus assimilou os atributos divinos de seu Filho, sendo, assim, corredentora da humanidade.⁴ Em um esforço de compensar a perda de autoridade política, o papa ainda publicou o documento *Syllabus errorum*, em 1864, com a intenção de advertir os governantes europeus de elementos considerados heréticos, como liberalismo, socialismo, liberdade religiosa, as Sociedades Bíblicas e publicações contrárias ao papado.

Nesse contexto, Pio IX decretou o dogma da infalibilidade papal, em 1869. Essa declaração concede ao papa poder supremo sobre a igreja universal.⁵ Um ano após a



Assinatura do Tratado de Latrão, em 1929

perda de todos os territórios papais, Pio IX conseguiu obter do parlamento italiano a “Lei das Garantias Papais”, na qual a pessoa do papa é declarada sagrada e inviolável.

O evento mais marcante no processo de cura da ferida mortal, que possibilitou a constituição de um território pontifício, foi o Tratado de Latrão, assinado por Benito Mussolini e Pio XI, em 1929. Esse tratado reconheceu o papa como governador do Estado do Vaticano, demarcou a extensão do território e garantiu ao papado uma indenização do governo italiano pelas terras confiscadas.

No início das reuniões do Concílio Vaticano II, em 1963, foi publicada a *Gaudium et Spes*, que transparece a posição de que a Igreja Católica é “o todo e o fim de tudo”.⁶ Na encíclica *Ecclesiam Suam*, publicada no ano seguinte, Paulo VI desenvolveu um novo plano para o mundo, ilustrado com círculos concêntricos, sendo o primeiro a Igreja Católica; o segundo as outras religiões; e o terceiro a humanidade plena. No centro estaria o papa, como primeiro guardião e pastor.⁷ O papa também inaugurou uma série de viagens pelo mundo, visitando vários países como líder do Estado do Vaticano.

João Paulo II seguiu essa estratégia, visitando 300 cidades dos cinco continentes, em 40 viagens, a fim de se apresentar como “pastor universal”. O *Código de Direito Canônico* publicado em 1983, afirma que o papa “é a cabeça do Colégio dos Bispos, Vigário de Cristo e Pastor da Igreja universal neste mundo; o qual, por

consequência, em razão do cargo, goza na Igreja de poder ordinário, supremo, pleno, imediato e universal, que pode exercer sempre livremente”.⁸ Em 1989, Mikhail Gorbachev reconheceu o Estado do Vaticano e, em diálogo com João Paulo II, estabeleceu relações diplomáticas entre o Kremlin e a Santa Sé.

As ações promovidas pelo Estado do Vaticano a fim de recuperar a autoridade perdida do Estado Papal continuam. A tendência é restabelecer, na besta que emerge do mar, a natureza e o caráter do seu simbolismo, com a cura definitiva da ferida mortal sofrida. **M**

Referências

¹ Ruben Aguilar, “O Estado Papal”, *Ministério*, jul/ago 2020, p. 24-26.

² Edward Gibbon, *The Decline and Fall of the Roman Empire*, volumes 2 e 4.

³ Bruce Shelley, *Church History in Plain Language* (Waco, TX: Word, 1983), p. 357.

⁴ Henry Sheldon, *History of the Christian Church* (Peabody, MA: Hendrickson, 1988), v. 5, p. 54.

⁵ Sheldon, p. 65, 66.

⁶ Bert Beach, *Vatican II: Bridging the Abyss* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1968), p. 147.

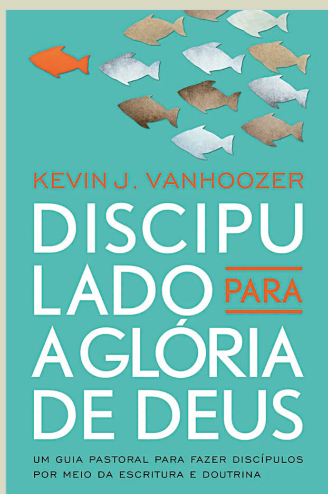
⁷ Johann Heinz, “O Papado Moderno: Reivindicações e Autoridade”, em *Estudos Sobre Apocalipse*, Frank Holbrook (org.) (Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2021), p. 391-428.

⁸ *Código de Direito Canônico* (Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa, 1983), Cân. 331.

RUBEN AGUILAR

professor emérito da Faculdade de Teologia do Unasp, Engenheiro Coelho





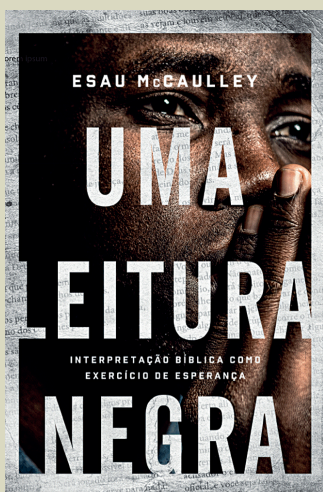
Discipulado Para a Glória de Deus

Kevin J. Vanhoozer, Vida Nova, 2022, 320 p.

O valor da sã doutrina quase sempre não é compreendido pela igreja contemporânea. Às vezes, ela pode parecer árida e monótona, mas quando flui da narrativa bíblica, a doutrina transborda vida e amor. Esse tipo de pensamento, imerso na Escritura, é crucial para o discipulado, embora possa ser negligenciado por muitos pastores atualmente.

Nesta obra, Kevin Vanhoozer defende que os pastores devem interpretar a Escritura teologicamente a fim de articular a doutrina e ajudar na edificação dos discípulos. A sã doutrina é crucial para a vida da igreja e, por isso, pastores teólogos têm a responsabilidade de entregá-la fielmente para suas comunidades.

Com um texto cativante e metáforas belíssimas, Vanhoozer aborda o desafio mais urgente na igreja atual: ensinar a doutrina bíblica e sólida para fazer discípulos.



Uma Leitura Negra

Esau McCaulley, Mundo Cristão, 2021, 192 p.

Lançado em 2020 nos Estados Unidos, *Uma Leitura Negra* causou enorme impacto na igreja evangélica norte-americana. Tendo como elemento central o resgate da esperança para aqueles que sofrem as consequências do racismo, o livro propõe a prática da leitura da Bíblia e de sua interpretação a partir da rica herança da igreja negra, ou da “interpretação eclesial negra”, conforme denomina o autor.

No livro, Esau McCaulley desenvolve sua argumentação aliando elementos que por vezes parecem inconciliáveis: uma sólida argumentação baseada na ortodoxia bíblica e um forte apelo étnico e social. Nesse particular, as perspectivas bíblica e negra se encontram para dar respostas divinas ao sofrimento de toda uma comunidade. Sensível, aponta o caminho do diálogo multiétnico para a comunhão entre homens e mulheres criados à imagem e semelhança de Deus.



El Justo por la Fe Vivirá: Una Mirada Teológica a la Epístola de Romanos

Carmelo Martines, Rafael Paredes, Carlos Steger (orgs.), Editorial Universidad Adventista del Plata, 2020.

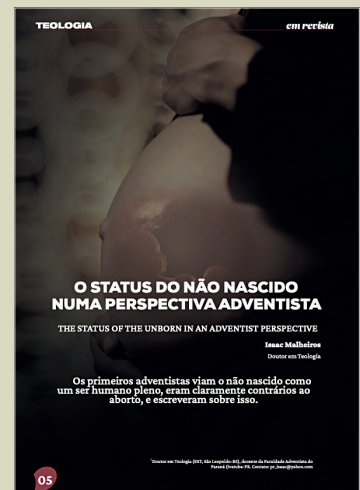
Esse livro reúne 26 artigos sobre o tema da justificação pela fé, apresentados no XII Simpósio Bíblico-Teológico Sul-Americano, na Universidade Adventista del Plata, realizado entre 27 de abril e 1º de maio de 2017.

A obra possui artigos em três idiomas: espanhol, português e inglês. Dos 26 artigos, 20 são histórico-sistemáticos, três são bíblicos e três são da área aplicada. Quanto aos temas explorados, 16 artigos tratam especificamente do livro de Romanos e dez abordam assuntos relacionados a Romanos ou à justificação pela fé.

O status do não nascido numa perspectiva adventista

Isaac Malheiros – *Teologia em Revista*, n. 2, 2021, p. 5-21
(<https://salt.iap.org.br/wp-content/uploads/2021/12/Artigo-1.pdf>)

Esse artigo pretende, por meio da análise do texto bíblico em suas línguas originais e uma pesquisa bibliográfica, verificar como o não nascido é considerado na Bíblia. A pesquisa, numa perspectiva adventista, se justifica dada a diversidade de opiniões sobre o tema e a recente publicação de uma declaração sobre o assunto pela Igreja Adventista do Sétimo Dia. Para atingir os objetivos, essa pesquisa fez uma apresentação do histórico da discussão e, em seguida, analisou os textos bíblicos. Com base nas evidências coletadas, é possível concluir que o não nascido tem o status de um ser humano na Bíblia.



Cambios en la articulación de la teología adventista: Del santuario a la justificación por la fe

Roy E. Graf, *TeoBiblica*, v. 3, n. 1-2, 2017, p. 197-218
(<http://link.cpb.com.br/d55ae8>)

Os pioneiros adventistas entenderam suas crenças como um sistema harmonioso de verdades. O princípio que articulou esse sistema era a verdade do santuário. Esse princípio articulador, entretanto, não foi mantido ao longo do tempo.

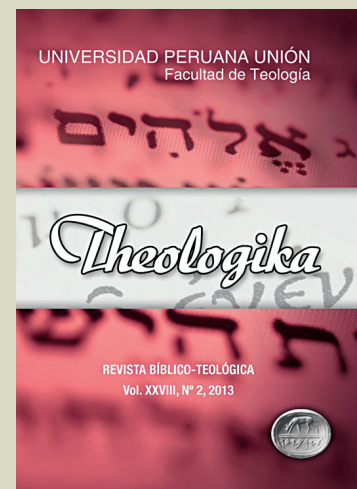
Esse artigo explora as mudanças na articulação da teologia adventista desde os pioneiros até os dias atuais. O autor propõe que a teologia adventista foi deixando o santuário para trás para abraçar a perspectiva protestante de justificação como um novo princípio articulador. O estudo apresenta alguns dos agentes históricos mais importantes dessa mudança, bem como algumas implicações desse processo sobre o sistema teológico e a identidade adventistas.



In the fullness of time: Recognizing Daniel 9:24 a 27 in the New Testament

David Tasker, *Theologika*, v. 36, n. 1, 2021, p. 62-79
(<https://doi.org/10.17162/rt.v36i1.1500>)

Esse artigo analisa a influência da profecia das 70 semanas de Daniel 9:24 a 27 no Novo Testamento. De particular interesse para esse estudo é a série de textos que se referem à “plenitude do tempo”. O autor investiga o significado que as pessoas da época do Novo Testamento deram a essas declarações, como foram influenciadas pela visão de Daniel 9:24 a 27 e quão difundido era o entendimento de que as 70 semanas deveriam ser entendidas como “semanas de anos” no início da igreja cristã. Por fim, o texto indica que o entendimento das pessoas nos tempos do Novo Testamento era de que “a plenitude do tempo” havia chegado, com base nas “semanas” da profecia de Daniel contadas como anos em vez de dias.





LIVRARIA - UNASP EC

**AMAZONAS
MANAUS**

SÃO GERALDO
Av. Constantino Nery, 1212
(92) 3304-8288
(92) 98113-0576

**BAHIA
CACHOEIRA**

FADBA
Rod. BR 101, km 197
(75) 3425-8300
(75) 99239-8765

**BAHIA
SALVADOR**

NAZARÉ
Av. Joana Angélica, 1039
(71) 3322-0543
(71) 99407-0017

**CEARÁ
FORTALEZA**

CENTRO
R. Barão do Rio Branco, 1564
(85) 3252-5779
(85) 99911-0304

**DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA**

ASA NORTE
SCN | Qd. 1 | Bl. A | Lj. 9, 17 e 23
Ed. Number One
(61) 3321-2021
(61) 98235-0008

**GOIÁS
GOIÂNIA**

SETOR CENTRAL
Av. Goiás, 766
(62) 3229-3830
(62) 98169-0002

**MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE**

CENTRO
R. Quinze de Novembro, 589
(67) 3321-9463
(67) 98129-0874

**MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE**

CENTRO
Rua dos Guajajaras, 860
(31) 3309-0044
(31) 99127-1392

**PARÁ
BELÉM**

MARCO
Tv. Barão do Triunfo, 3588
(91) 3353-6130
(91) 98259-0002

**PARANÁ
CURITIBA**

CENTRO
R. Visc. do Rio Branco, 1335 | Lj. 1
(41) 3323-9023
(41) 99706-0009

**PERNAMBUCO
RECIFE**

SANTO AMARO
R. Gervásio Pires, 631
(81) 3031-9941
(81) 99623-0043

**RIO DE JANEIRO
RIO DE JANEIRO**

TIJUCA
R. Conde de Bonfim, 80 | Lj. A
(21) 3872-7375
(21) 96554-0007

**RIO GRANDE DO SUL
PORTO ALEGRE**

CENTRO
R. Coronel Vicente, 561
(51) 3026-3538
(51) 98163-0007

**SÃO PAULO
ENGENHEIRO COELHO**

UNASP/EC
Estr. Mun. Pastor Walter Boger, S/N
Faz. Lagoa Bonita
(19) 3858-1398
(19) 98165-0008

**SÃO PAULO
HORTOLÂNDIA**

PARQUE ORTOLÂNDIA
R. Pastor Hugo Gegembauer, 656
(19) 3503-1070
(19) 98425-6666

**SÃO PAULO
SANTO ANDRÉ**

CENTRO
Tv. Lourenço Rondinelli, 111
(11) 4438-1818
(11) 94825-0112

**SÃO PAULO
SÃO PAULO**

MOEMA
Av. Juriti, 563
(11) 5051-0010
(11) 95282-4191

**SÃO PAULO
SÃO PAULO**

PRAÇA DA SÉ
Praça da Sé, 28
5º Andar
(11) 3106-2659
(11) 95975-0223

**SÃO PAULO
SÃO PAULO**

VILA MATILDE
R. Gil de Oliveira, 153
(11) 2289-2021
(11) 95288-1009

**SÃO PAULO
TATUÍ**

LOJA DA FÁBRICA
Rod. SP 127, km 106
(15) 3205-8905

ENCONTRE TAMBÉM PRODUTOS:



MAIS QUE INFLUENCIADORES

Atualmente, tudo parece acontecer por meio das mídias sociais. Se alguém não está no Facebook, Twitter, Instagram ou até no Tik Tok torna-se um desconhecido. Nem pensar em ter um “ministério significativo” sem o uso de redes!

Por favor, não me entenda mal. Este não é mais um texto daqueles que condenam as redes sociais, embora eu não ache que estas sejam uma panaceia ou “o último copo de água no deserto”. Meu propósito, contudo, é falar sobre o verdadeiro conceito bíblico de liderança, que vai muito além de postagens inteligentes no ciberespaço ou ter 10.000 seguidores no Instagram. Claro, isso pode ser bom para ajudar as pessoas a pensar biblicamente, motivá-las a agir de forma cristã ou combater os ataques incisivos do inimigo, que usa todos os meios possíveis para enganar os seres humanos. No entanto, isso está mais ligado ao perfil dos influenciadores digitais, não necessariamente a líderes espirituais.

De fato, um verdadeiro líder, no sentido bíblico, vai muito além de ser um influenciador. Em primeiro lugar, um influenciador não necessariamente ajuda a transformar a vida das pessoas. Além disso, em muitos casos, sua vida pessoal não corresponde às opiniões ou ideias que ele espalha nas redes sociais. Precisamente, a virtualidade das redes sociais gera essa dicotomia entre a vida particular de uma pessoa e sua imagem pública. Isso é biblicamente impossível para um cristão (Mt 7:15-20); sobretudo, para um líder cristão.

É verdade que Jesus, nosso modelo, era um formador de opinião. As multidões que se aglomeravam ao lado de uma colina, na planície ou no

É no contexto de relacionamentos significativos, cultivados por meio de tempo de qualidade dedicado à salvação e edificação dos membros da igreja, que o pastor encontra o verdadeiro modelo de liderança.

pátio do templo para ouvi-Lo nos dizem que Ele tinha milhares de “seguidores”. Contudo, o Seu ministério foi abrangente e, além de ensinar, curar e salvar, Cristo passou grande parte do tempo liderando por meio de relacionamentos interpessoais significativos, ministrando e capacitando Seus seguidores para o ministério. Nesse processo, destaca-se o grupo dos doze discípulos, que o seguiam aonde quer que Ele fosse, mas também é preciso considerar a liderança que exercia sobre grupos maiores. Essa relação, claro, foi além das aparências, dos *slogans* e da imagem.

É no contexto de relacionamentos significativos, cultivados por meio de tempo de qualidade dedicado à salvação e edificação dos membros da igreja, que o pastor encontra o verdadeiro modelo de liderança. Por isso, no contexto da reafirmação do chamado ministerial de Pedro, Jesus o exortou por três vezes a pastorear Suas ovelhas (Jo 21:15-17).

Precisamos de mais pastores/líderes/servos que dediquem seu ministério a liderar por meio de um relacionamento realmente significativo com seus seguidores, e menos influenciadores que passam grande parte de seu tempo cultivando curtidas e seguidores nas redes sociais. **M**



MARCOS BLANCO
editor da revista *Ministério*,
edição em espanhol

SEMANA SANTA
2022



ELE NÃO
ESTÁ AQUI

○ AMOR VIVE

ADQUIRA PRODUTOS ESPECIAIS!

DE 9 A 16 DE ABRIL

VIVA A
ENTREGA



IMPACTO
ESPERANÇA
9 DE ABRIL